

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

EMERSON RICARDO MÜLLER

A REMEMORAÇÃO DE LIESEL MEMINGER EM
***A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS* DE MARKUS ZUSAK**

Araraquara

2025



EMERSON RICARDO MÜLLER

**A REMEMORAÇÃO DE LIESEL MEMINGER EM
A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS DE MARKUS ZUSAK**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Fernanda de Campos Mauro

Araraquara

2025

M958r Müller, Emerson Ricardo
A rememoração de Liesel Meminger em A menina que roubava
livros de Markus Zusak / Emerson Ricardo Müller. -- Araraquara,
2025
93 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Claudia Fernanda de Campos Mauro

1. Literatura- Estudos da Narrativa. 2. O foco narrativo. 3. História
e Ficção. 4. Metalinguagem. 5. Literatura e Memória. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa, ao investigar as questões do foco narrativo, as questões ligadas a história e ficção e a literatura e memória no romance *A menina que roubava livros* (2008) de Markus Zusak, oferece contribuição relevante aos campos da teoria literária, a comparação entre ficção e a realidade histórica e as questões envolvendo a memória do holocausto. Seu potencial científico e técnico está na análise dos tipos de narrador presentes no romance, na importância do objeto livro para os indivíduos sociais, nas questões que envolvem história e literatura e ainda, os traumas envolvidos na memória do holocausto.

No âmbito social e educacional, este trabalho contribui com aqueles que se interessam pela teoria literária, a importância da leitura para se compreender a vida em sociedade e as questões que envolvem a memória histórica, mais especificamente da Segunda Guerra Mundial.

A obra em análise foi escrita por um autor austríaco a partir das experiências de seus pais sob o nazismo, seu pai austríaco e sua mãe alemã. Alguns relatos foram escritos a partir de experiências da infância da mãe. Além da obra em si, ao abordar temas como história e ficção e literatura e memória, a dissertação traz outras obras conhecidas mundialmente como *O diário de Anne Frank* (2021), *É isto um homem?* (1988) de Primo Levi, *A bailarina de Auschwitz* (2019), entre outras, o que evidencia a internacionalização do trabalho.

A inserção local, regional e nacional aparece devido ao fortalecimento dos temas pesquisados, possibilitando que o trabalho seja lido e sirva de contribuição para outros pesquisadores que se interessem por estes temas.

Nos aspectos econômico e cultural, a pesquisa promove a ampliação do debate literário, amplia o acesso a leituras que rememorem momentos históricos críticos pelos quais passou a humanidade e deixa um alerta em relação à intolerância exercida por aqueles que estão no poder.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research, by investigating the questions of narrative focus, the questionsll linked to history and fiction and literature and memory in the novel *The Girl Who Stole Books* (2008) by Markus Zusak, offers a relevant contribution to the fields of literary theory, the comparison between fiction and historical reality and the questions Involving memories of the Holocaust. Its scientific and technical potential are in the analysis of the types of narrator present in the novel, the importance of the book object for social individuals, the issues involving history and literature and also traumas involved in the Holocaust memory.

In the social and educational area, this work contributes to those who are interested in literary theory, the reading importance in order to understand life in society and the questions surrounding historical memory, specifically the Second World War.

The work under analysis was written by an Austrian author based on the experiences of his parents under Nazism, his Austrian father and his German mother. Some of the reports were written from his mother's childhood experiences. Beyond the work itself, by Approaching themes such as history and fiction and literature and memory, the dissertation brings other world-renowned works such as *The Diary of Anne Frank* (2021), *Is This a Man?* (1988) by Primo Levi, *The Dancer of Auschwitz* (2019), among others, which highlights the work internationalization.

The local, regional and national insertion appears due to the strengthening of the themes researched, allowing the work to be read and serve as a contribution to others researchers who are interested in these themes.

In economic and cultural terms, the research promotes the expansion of the literary debate, broadens access to readings that remembered critical historical moments that humanity has been through and leaves a warning about the intolerance exercised by those in power.

EMERSON RICARDO MÜLLER

**A REMEMORAÇÃO DE LIESEL MEMINGER EM
A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS DE MARKUS ZUSAK**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários
Área de Concentração: Teorias e Crítica da Narrativa

Data da defesa: 26/05/2025

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cláudia Fernanda Campos Mauro
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Profa. Dra. Ionara Satin
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Profa. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre
UFU - Instituto de Letras e Linguística

À minha mãe, Sonia Muller,
aos meus irmãos, Sidinei,
Alessandra e Deise,
aos meus sobrinhos Gabriel,
Cecília, Sara, Lavínia,
Arthur e Liz,
que me fazem
querer ser melhor
todos os dias e por não me
deixarem desistir,
ao meu pai que não está mais por
aqui.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Cláudia Mauro, por me aceitar como orientando,
por confiar que era possível a produção deste trabalho,
pelo carinho e afeto nas palavras e pela atenção
sempre presente.

Aos professores que fizeram a leitura deste trabalho para a qualificação
e a defesa da dissertação.

Aos amigos pessoais e docentes, que sempre me
incentivam a continuar.

À minha terapeuta Juliane Junges Barbosa Coelho, que me fez
acreditar que era possível construir e chegar em
mais essa etapa. Sem seus conselhos e persistência
seria impossível estar aqui.

À minha amiga e taróloga Carla Antonialli, por
me apoiar e mostrar caminhos que eu não
conseguia ver.

À Renata Acácio, minha amiga desde a graduação,
que revisou e deu dicas essenciais para a finalização
deste trabalho.

A todos os professores, por seus ensinamentos e lutas diárias,
que buscam, através da educação, tornar o país melhor.

“Quando Liesel rememorou os acontecimentos de sua vida, aquelas noites na sala foram algumas de suas lembranças mais vívidas. Ela reviu a luz ardente no rosto de casca de ovo de Max e chegou até a provar o sabor humano de suas palavras. O curso da sobrevivência do rapaz foi relatado aos bocadinhos, como se ele recortasse de si cada pedaço e os oferecesse numa bandeja” (Zusak, 2008, p. 154).

“É uma pena a gente não poder comer livros” (Zusak, 2008, p. 210).

“Meu coração está muito cansado” (Zusak, 2008, p. 304).

“Minha liberdade pequena enquadrada me une à liberdade do mundo [...] Estou asperamente viva. Vou embora – diz a morte sem acrescentar que me leva consigo. E estremeço em respiração arfante por ter que acompanhá-la. Eu sou a morte. É neste meu ser que se dá a morte – como te explicar?” (Lispector, 1994, p. 29).

RESUMO

As discussões acerca do foco narrativo ocorrem desde as primeiras histórias narradas e, ao longo do tempo, receberam diversos estudos específicos em razão de suas inúmeras variações. Apesar disso, essa problemática ainda continua a ser perseguida devido às inovações narrativas que surgem. O autor de *A menina que roubava livros* mostra sutileza ao compor seu texto, inova e surpreende o público leitor, que se sente instigado a descobrir qual será o final da história que está sendo apresentada. Com uma voz onisciente intrusa e testemunha, que tudo sabe e tudo vê, a narradora do romance, a própria Morte – figura vista por muitos como não muito amigável do ponto de vista humanitário –, ao contar a história do holocausto, em que tantas arbitrariedades foram cometidas, parece mais humana que muitos de nós. A partir de uma metodologia de pesquisa histórica e bibliográfica, o estudo utiliza teorias de Ligia Chiappini Moraes Leite (1994), Norman Friedman (2002), Gérard Genette ([197-]) e Jean Pouillon (1974). Além das teorias literárias, são discutidos alguns aspectos da história da leitura (Fischer, 2006) e do livro enquanto objeto, sua importância para a história da humanidade e de que maneira a literatura pode salvar vidas. Busca-se uma relação entre a realidade e a ficção, pois a menina roubava livros para ler e deixar seus dias mais leves, e ainda acalmar os demais personagens enquanto lia para eles no porão, nos momentos em que precisavam se proteger dos bombardeios da Segunda Guerra. A memória do holocausto também é tema da narrativa. No início da obra, a narradora especifica o período histórico que está tratando, 1939 a 1943, na Alemanha. Esses dados fazem com que o leitor acione seu repertório, atentando-se para o que acontecia no país nesse período, o regime nazista. Utilizando a metalinguagem, o livro fala de outros livros, o principal deles é a obra em si, escrita pela menina e narrada pela Morte, mas outros aparecem também, como “O vigiador” e “A sacudidora de palavras”, duas histórias criadas sobre o livro de Hitler, *Minha luta*.

Palavras-chave: narrador; ficção; holocausto.

RESUMEN

Las discusiones sobre el enfoque narrativo se han dado desde que se narraron los primeros cuentos y, con el tiempo, han recibido varios estudios específicos debido a sus innumerables variaciones. A pesar de esto, este tema aún se sigue investigando debido a las innovaciones narrativas que surgen. El autor de *La ladrona de libros* muestra sutileza a la hora de componer su texto, innova y sorprende al público lector, que se siente animado a descubrir cuál será el final de la historia que se presenta. Con una narradora y testigo omnisciente intrusiva que todo lo sabe y todo lo ve, la Muerte es una narradora vista por muchos como una figura poco amigable desde el punto de vista humanitario. Al contar la historia del Holocausto, en la que se cometieron tantos actos arbitrarios, ella parece más humana que muchos de nosotros. Basado en una metodología de investigación histórica y bibliográfica, el estudio utiliza teorías de Ligia Chiappini Moraes Leite (1994), Norman Friedman (2002), Gérard Genette ([197-]) y Jean Pouillon (1974). Además de las teorías literarias, se discuten algunos aspectos de la historia de la lectura (Fischer 2006) y del libro como objeto, su importancia para la historia de la humanidad y cómo la literatura salva vidas. Se busca una unión entre la realidad y la ficción porque la chica robaba libros para leer y aligerar sus días, y también para calmar a los otros personajes cuando les leía en el sótano en los momentos en que necesitaban protegerse de los bombardeos de la Segunda Guerra Mundial. La memoria del Holocausto también es tema de la narrativa. Al principio del libro, el narrador especifica el período histórico que se está contando, de 1939 a 1943, en Alemania. Estos datos hacen que el lector active su repertorio, prestando atención a lo que ocurría en el país en aquella época, bajo el régimen nazi. Utilizando el metalenguaje de Chalhub (1998), el libro habla de otros libros, siendo el principal la propia obra escrita por la niña y narrada por la Muerte, pero aparecen otros como “El vigilante” y “El agitador de palabras”, dos historias creadas sobre el libro de Hitler, *Mi lucha*.

Palabras clave: narrador; ficción; holocausto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O LIVRO COMO OBJETO.....	15
2.1	OS LIVROS ROUBADOS.....	22
3	A PROBLEMATIZAÇÃO DO FOCO NARRATIVO	27
3.1	NARRADOR ONISCIENTE	33
3.2	O NARRADOR TESTEMUNHA.....	37
4	HISTÓRIA E FICÇÃO.....	43
5	METALINGUAGEM.....	48
6	LITERATURA E MEMÓRIA	53
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXO A – “O VIGIADOR”	73
	ANEXO B – AS ILUSTRAÇÕES DE MAX.....	86
	ANEXO C – “A SACUDIDORA DE PALAVRAS”	88

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho se deu em uma aula de Teoria da Literatura no ano de 2009, quando a profa. dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan (Ude) indicou em aula o livro *A menina que roubava livros* (2008). Inicialmente, me chamou a atenção o título, por me identificar com ele. Durante o ensino fundamental e médio, emprestava algumas obras da biblioteca escolar e demorava para devolvê-las, então achava que eu também era um menino que roubava livros.

Ao comprar o livro e iniciar sua leitura, percebi que a narrativa não tratava apenas de roubos de livros, mas nela continha uma narradora insólita que contava a história, a Morte. A estrutura do livro era diferente, com intromissões da narradora falando diretamente ao leitor. A escrita era fluida, proporcionando uma leitura agradável. Além da menina, personagem principal da obra, as demais personagens também possuíam características únicas. E o tempo em que a história se passava era em um contexto histórico que eu, enquanto estudante, sempre me interessei, a Segunda Guerra Mundial.

O que foi o Holocausto, como ele aconteceu e por que os regimes totalitários nazismo/fascismo tiveram tantos seguidores? Como os líderes conseguiram convencer a população de que os judeus eram seus inimigos? Como o mundo reagiu diante de tantas prisões, da construção de campos de concentração, do trabalho forçado, das câmaras de gás, dos corpos sendo queimados e das chaminés soltando fumaça o tempo todo? Esses sempre foram questionamentos internos difíceis de digerir – e pensar que, ainda na atualidade, temos quem defenda essas ideias. Talvez, por ter um sobrenome de origem alemã, meu interesse por temas relacionados a esse país sempre foi grande.

O conteúdo abordado pelo livro referente a esse período histórico provocou minha curiosidade e passei a pesquisar mais sobre o Holocausto, tentando sempre relacionar a História com a ficção. Meu trabalho de conclusão de curso na graduação foi sobre *A menina que roubava livros* e meu projeto de mestrado, em 2011, também tinha esse livro como objeto. Esse tempo parece um pouco distante de agora e nem tudo acontece como planejamos. Em 2011, três dias antes de prestar a prova teórica para ingresso no mestrado, meu pai faleceu e esse acontecimento causou certo bloqueio em relação ao processo seletivo; cursei disciplinas como aluno especial, mas não voltei a tentar ingressar oficialmente no programa de pós-graduação.

Desde 2009 sou professor da rede estadual de ensino; nesse meio tempo, cursei Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); e, no final de 2022, participei novamente e passei no processo seletivo para o mestrado em Estudos Literários,

quando retomei a pesquisa sobre a obra *A menina que roubava livros*, o narrador e a memória do Holocausto.

Foram muitos os textos estudados após o ingresso no mestrado. Os textos selecionados foram direcionados à pesquisa sobre: o narrador, as personagens, a ficção e a história, a importância dos livros e da literatura como fuga da realidade e para a formação humana, a literatura e a memória.

A obra aqui estudada possui certa complexidade por se tratar de uma narrativa em que se pode explorar vários aspectos. A literatura contemporânea traz muitas inovações na forma de sua escrita e na apresentação de seus temas, reavivando os aspectos estruturais do romance e reafirmando que as questões a respeito das teorias narrativas ainda não estão esgotadas.

O autor de *A menina que roubava livros* mostra sutileza ao compor seu texto, inova e surpreende o público leitor que se sente instigado a descobrir qual será o final da trama que lhe está sendo apresentada. Markus Zusak nasceu em Sydney, Austrália, em 23 de junho de 1975. Filho de um austríaco e uma alemã, cresceu ouvindo histórias sobre o nazismo, o que resultou em sua mais conhecida publicação, *A menina que roubava livros*. O escritor já ganhou vários prêmios e é considerado um fenômeno literário por críticos australianos e norte-americanos devido a sua inovação poética.

O romance em questão quebra as regras narrativas em razão da sua complexidade, o que exige, a todo momento, um processo de ida e volta do leitor no texto para que possa compreender os capítulos. Essa obra é considerada circular, por iniciar contando alguns acontecimentos e retomá-los no final, fechando a história dentro de um período demarcado entre 1939 e 1945. Por conta das suas várias possibilidades de leitura, é preciso estabelecer um recorte analítico. Para isso, serão analisadas as questões em torno do narrador, da metalinguagem, da história e da memória da Segunda Guerra Mundial.

De início, deparamo-nos com uma narradora insólita e de contornos míticos: a Morte; é através do olhar dela que conhecemos a história da menina Liesel Meminger, suas vivências, sua infância, alegrias, tristezas, perdas e tragédias; por meio desse olhar nos sentimos provocados, interessados, revoltados ou solidários. A narradora tem o domínio sobre a narrativa e credibilidade para contar a história. O ponto de vista adotado pela narradora, em relação à história, é o ponto de vista dos dominados e vencidos, já que a história contada diz respeito àqueles que sofreram as perseguições nazistas, os que sofreram dificuldades devido à economia decadente em função dos racionamentos impostos pelo governo.

O autor trabalha os jogos narrativos de forma sutil; a narração ocorre em dois níveis temporais: o do momento presente, em que se fala; e o dos fatos que já ocorreram, o passado. A morte causa certo retardamento no tempo de vida da menina. Após encontrá-la algumas vezes, decide deixá-la viver, pois se sensibiliza com sua história, e só “a leva” depois de muitos anos. É esse retardamento que possibilita nosso conhecimento da história, sem ele não teríamos a menina adulta e nem conheceríamos sua vida.

Para explorarmos as questões envolvidas no livro, dividimos a dissertação em cinco capítulos. O primeiro diz respeito os estudos do livro como objeto, a importância desse material para os estudos, as mudanças em relação à visão de mundo dos leitores e como este objeto evoluiu e ajudou a humanidade evoluir no decorrer histórico da humanidade. Neste capítulo temos ainda um subcapítulo, “os livros roubados”, que são as obras roubadas pela menina Liesel enquanto vivia com seus pais adotivos.

O segundo capítulo vai abordar “o foco narrativo dentro da obra discutindo-se o narrador onisciente e o narrador testemunha. Neste capítulo será discutido os papéis do narrador dentro da obra e como sua voz se coloca de forma a ser difícil de questioná-la já que as duas narradoras, a menina e a morte, estiverem presentes no momento em que a história é narrada. O centro dessa pesquisa é a análise da obra *A menina que roubava livros* tendo em vista o tipo de narrador e o momento histórico em que a trama acontece. Para executá-la, foi feito o levantamento de textos para leitura e fichamento que abordassem o narrador e o contexto do holocausto.

No terceiro capítulo apresentamos a motivação para a escolha desse texto que é a possibilidade de investigar as relações entre história e ficção e a retomada da história através da rememoração da protagonista da obra; a abordagem desse aspecto permite uma ampla reflexão, na qual se situa a proposta deste trabalho.

Apesar de a obra ser ficcional, ela traz vários apontamentos sobre a realidade vivida durante a Segunda Guerra: como aconteceram as perseguições aos judeus, os bombardeios, as proibições que a população sofria e o que os cidadãos eram obrigados a seguir para não serem vistos como inimigos do governo, as dificuldades que passavam devido ao regime de exceção a que eram submetidos.

No quarto capítulo, discutiremos a questão da metalinguagem que aparece na obra, de forma explícita, em três momentos: quando a personagem Max, judeu que se escondia no porão, escreve “O vigiador” e “A sacudidora de palavras” e faz dois desenhos para explicitar o momento histórico em que vivem as personagens. Para isso, apoiamo-nos no livro *A metalinguagem* de Samira Chalhub (1998), que trata da linguagem falando sobre a linguagem,

do livro sobre o livro ou do livro dentro do livro. Nessa mesma vertente, a obra de Victor Klemperer (2009), *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*, aparece como apoio às questões da linguagem e como ela pode ser usada para convencer a população com propagandas, discursos e repetições de expressões. Nesse sentido, Martin Kitchen (2009), com a obra *O Terceiro Reich: carisma e comunidade*, aborda todo o sistema adotado pelo governo nazista para conseguir o convencimento da população, o apoio a esse tipo de governo e, com isso, as facilidades para a anexação de territórios.

O quinto capítulo vai abordar as questões entre literatura e memória. A obra supracitada traz consigo uma provocação em relação à memória, ao abordar a Segunda Guerra Mundial e as arbitrariedades cometidas por Hitler, o Holocausto, a perseguição a minorias, como judeus, negros, homossexuais etc. Essa abordagem mostra a junção entre ficção e história e a tentativa de que esse acontecimento seja sempre lembrado.

A literatura contemporânea, por vezes, busca recuperar aquilo que nos dias de hoje vem sendo deixado de lado. É necessário que se dê continuidade a essas discussões e à memória do Holocausto; embora muitos queiram ou tentem deixá-lo no passado, o Holocausto deve ser lembrado e discutido para que não volte a acontecer.

Esse romance revisita a história e promove uma reflexão crítica sobre o passado que nos auxilia em uma reflexão pessoal sobre o “estar no mundo”. No entanto, para verificar a singularidade do modo como *A menina que roubava livros* problematiza as relações entre ficção e história, a figura do narrador é fundamental.

No início da obra, a narradora não menciona a Segunda Guerra diretamente, e sim suas datas (1939, 1942, 1943) e os bombardeios aéreos, esperando, dessa forma, que o receptor acione seu repertório em relação à história mundial. A referência indireta vai ocorrendo ao longo da narrativa e o momento histórico vai se comprovando com descrições, como o uniforme escolar de Liesel, marrom, da juventude hitlerista. Outra referência recorrente ao momento histórico se dá no caminho que as crianças percorrem até a escola, pois passam pela “Rua das estrelas amarelas”: “A rua continha várias casas com janelas destroçadas e paredes machucadas. Nas portas estava pintada a estrela-de-davi” (Zusak, 2008, p. 38).

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações entre o narrador e o momento histórico em que ocorre a narrativa em *A menina que roubava livros* e qual é a função da rememoração desse período através das palavras escritas pela menina e narradas pela Morte. A partir disso, surgiram algumas indagações: como a Morte narra essa história? Que relação ela tem com as personagens? Qual o papel da leitura e da escrita para que a literatura cumpra seu papel de “salvar vidas”? Como a memória do Holocausto é apresentada na obra por meio da

escrita da menina e pela narração da Morte? Que importância tem o objeto livro e qual o papel do roubo dos livros para o aprendizado e a fuga da realidade?

O nosso principal foco é a análise do narrador e da memória no corpus escolhido. Para tratar do narrador, que neste romance é um narrador testemunha, a Morte, consideramos principalmente o ensaio de Norman Friedman (2002), “O ponto de vista na ficção. O desenvolvimento de um conceito crítico”, em que o autor trata dos tipos de narrador e as diversas maneiras de se narrar; a obra de Lygia C. M. Leite (1994), *O foco narrativo*, na qual a escritora aborda os aspectos históricos sobre o narrar, e os encontros e desencontros entre ficção e realidade; e o livro de Ronaldo Costa Fernandes (1996), *O narrador do romance*, que, utilizando-se de outros autores que trabalham com o tema do narrador, faz um compilado de estudos sobre o narrador e sua importância no momento de contar uma história ao leitor.

Por fim, o trabalho busca discutir a relação entre a literatura e a memória, sendo essas duas questões analisadas em relação à memória do holocausto. A obra em si, ficcional, é narrada no decorrer da Segunda Guerra – período antissemita no qual mais de seis milhões de pessoas foram perseguidas e mortas pelo regime nazista –, e a história das personagens e da menina que escreve o livro se passa nesse momento; existe, então, uma junção entre a ficção e a história. Como apoio para o estudo do tema holocausto, foram utilizadas obras com depoimentos de sobreviventes do holocausto, como a de Primo Levi (1988), *É isto um homem?*; *Eu sobrevivi ao holocausto* de Nanette König (2015); *O diário de Anne Frank*, diário escrito pela própria Anne (2021) enquanto se escondia com sua família em um anexo secreto; *A bailarina de Auschwitz* de Edith Eger (2019), que sobreviveu ao campo de concentração e se tornou psicanalista para ajudar outros sobreviventes de guerra a superarem seus traumas; e o texto de Márcio Seligmann-Silva (2008), “Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, no qual o autor analisa a fala dos sobreviventes e discute como “narrar o inenarrável”, as arbitrariedades cometidas nos campos de concentração, é difícil até mesmo para quem esteve lá.

2 O LIVRO COMO OBJETO

O que é a leitura? Como ela surge? Quem foram os primeiros leitores? Muitas vezes falamos sobre a leitura, sua importância, os benefícios que traz, no entanto, nem sempre buscamos conhecer a sua origem, tampouco a sua evolução até chegar nos dias atuais, com livros impressos e eletrônicos.

Não é de hoje que ouvimos de leitores, especialistas, escritores ou grupos sociais a frase “a literatura salva”. Mas quando entramos em contato com textos, livros e histórias em que a literatura salva vidas, comprovamos o quanto é real essa frase tão conhecida e disseminada na sociedade; porém o caminho para chegar a essa conclusão possui várias nuances.

O propósito de estudar a obra em questão foi, justamente, para desvendar o que está por trás do roubo dos livros e o porquê de a roubadora incorporar essa prática; no entanto, antes de trazer a análise da obra em si, é preciso fazer uma retomada histórica sobre a evolução da leitura e da escrita, o valor do livro hoje, sua importância, sua evolução e refletir sobre o livro enquanto objeto.

Os primeiros leitores surgiram devido a uma necessidade social de se fazer cumprir o que era acordado. Antes da escrita, somente por meio da fala se faziam acordos, que muitas vezes não eram cumpridos. A questão da memória predominava, e era preciso se lembrar das palavras ditas para que os acordos se cumprissem, o que nem sempre acontecia, pois era possível se beneficiar dizendo não se lembrar do que havia sido combinado. Com a escrita, a questão da memória das falas deixou de ter tanta importância, já que os acordos passaram a ser registrados em palavras. Mas, para chegar nesse ponto, muitos séculos passaram.

A leitura oral predominou até o século XVIII, e teve muito valor na sociedade. Devido à existência de poucas formas de entretenimento, tudo o que era feito, era declamado para que os presentes pudessem ouvir.

O processo de leitura foi, e é até hoje, complexo e no passado poucos se dedicavam a aprendê-lo:

Há indícios de que dois tipos diferentes de leitura sempre existiram: a leitura literal ou mediata (aprendizado) e a leitura visual ou imediata (fluente). Todos partem da leitura mediata, atribuindo som ao sinal. Depois dela, a maioria dos iniciantes passa para a leitura imediata, atribuindo sentido diretamente ao sinal e, em seguida, avança para agrupamentos maiores de sinais (frases ou até sentenças curtas). Após diversos contatos com uma palavra ou combinação de sinais, o leitor começa a estabelecer um caminho direto entre sinal e sentido,

ignorando o som por completo. Apenas isso explica a maior parte do que observamos na leitura fluente na vida adulta (Fischer, 2006, p. 13).

Apesar de toda essa complexidade, com o passar dos séculos, foi-se percebendo a importância do aprendizado e do conhecimento, que também servia como profissão. Os primeiros a se dedicarem à leitura, os escribas, frequentavam a escola de formação de escribas, escola de tempo integral, dos seis aos dezoito anos. Essa formação abria caminhos para que o escriba ingressasse no trabalho com transações, documentos, atuando como escriturários, contadores, escritores e leitores de cartas. Essa profissão era muito valorizada, por serem poucos os que se dedicavam a ela.

A escrita, por sua vez, pode ser encontrada nos mais diversos tipos de materiais, como em cascas de árvores, pedras, ossos, gravetos, madeira, argila, cera, couro, marfim, metal, vidros, muros, monumentos, tabuletas, rolos de papiro, códices, livros, telas e papel eletrônico; ou seja, a escrita era tão importante que, onde fosse possível, eram registradas informações. Os rolos de papiro, importados do Egito, obtiveram maior sucesso para a leitura e a escrita.

O papiro usado para a escrita vinha do Egito e passou a ser importado em grande escala pelos gregos. A escrita e a transcrição de obras para o papiro por escribas e ilustradores sustentava milhares de pessoas; porém, poucos tinham dinheiro para comprar livros, que eram usufruídos pelos mais abastados. As folhas de papiro eram unidas para formar um rolo, que precisava ser aberto para a leitura. A vantagem do papiro era permitir que textos mais extensos fossem escritos, dado que, até então, a madeira, a cera, a cerâmica, o marfim, a casca de árvore e outros instrumentos permitiam apenas inscrições mais curtas. O livro *A Ilíada*, de Homero, por exemplo, abrangia 24 rolos de papiro. Os rolos de papiro eram armazenados em caixas redondas e individuais – cada rolo exibia um rótulo separado – ou em prateleiras abertas, com etiquetas de identificação no final de cada rolo. O problema, aqui, acontecia quando as etiquetas se perdiam devido ao tempo ou ao manuseio. Muitas vezes as obras ficavam incompletas por não se achar sua sequência.

Com a difusão da leitura e do conhecimento, os governantes passaram a atacar os livros, destruindo-os, principalmente aqueles que ameaçavam a sua supremacia. Para Fischer (2006), durante toda a Antiguidade, os governantes tirânicos atacavam aquilo que opositores ou supostos inimigos estavam lendo; e a ficção sempre levantou suspeita. Com o tempo, os livros passaram a ser uma paixão para os gregos, paixão essa que antes era dedicada apenas à família, ao cônjuge ou amantes. Refletindo sobre a importância social da leitura, os gregos leem desde cerca de 2000 a.C. Mil anos mais tarde, o alfabeto com vogais e consoantes foi registrado.

Uma das inscrições mais antigas que existem data de 760 a.C. em Atenas e traz a seguinte inscrição: “àquele que dança com maior brandura”.

A oratória, predominante na sociedade grega, passou a enfrentar uma forte concorrência: a palavra escrita. Com a propagação das leis, as inscrições passaram a ser feitas principalmente em monumentos públicos, impondo autoridade e, também, para que, aqueles que soubessem ler, lessem para os demais. A escrita torna-se mais valorizada quando se nota que o leitor poderia se tornar uma biblioteca ambulante.

A leitura privada de livros em rolos de papiro tornou-se relativamente comum apenas no século IV a.C., período em que viveu Aristóteles, filósofo grego que reuniu uma biblioteca particular. Nessa época, o leitor/declamador era reconhecido pela voz, entonação, aparência, carisma, paixão etc., e os médicos indicavam a leitura a seus pacientes como um exercício mental. Não obstante, havia inúmeras bibliotecas. A Biblioteca de Alexandria, por exemplo, era a maior biblioteca nesse período e todo novo navio que atracava na cidade era obrigado a entregar seus rolos de papiro para serem copiados. Bibliotecas inteiras eram compradas, outras doadas. Foi em meio a essa turbulência que surgiu o romance.

O romance, *romanz*, é uma obra escrita na língua vernácula de cada país (Fischer, 2006, p. 55). O primeiro romance, datado do século II d.C., começa assim: “Meu nome é Cartion de Afrodísias e sou funcionário do advogado Atenágoras. Vou contar-lhes uma história de amor que aconteceu em Siracusa”. Constatamos, assim, que a leitura não modificou o modo de pensar das pessoas, o que ela fez foi incentivar as pessoas a escrever o que pensavam e modificar suas relações. A leitura proporciona reflexões acerca de quem somos, onde estamos e quais relações temos com as demais pessoas.

Os judeus, segundo Fischer (2006), prezavam pelas vantagens da leitura cultural, preservavam o ato em si como algo sagrado e, para eles, o aprendizado, depois da devoção a Deus, seria o próximo dever em sua fé. O Cristianismo firmou-se na exaltação judaica da palavra escrita e, por meio dela, foi rapidamente difundido. Nesse momento a leitura transcendeu até mesmo a autoridade eclesiástica, havia se tornado a “Palavra de Deus”. No entanto, quando se estuda os documentos históricos ligados ao judaísmo, existe um impasse em relação à História de Israel. Durante o reinado de Josias (639 a 609 a.C.), restituiu-se a adoração exclusiva do deus dos israelitas, centralizada no templo de Jerusalém. Se esses documentos estiverem corretos, a Torá, livro sagrado do judaísmo, seria apenas ficção política, tema que necessita de muita pesquisa e discussão por ter resultados, ainda hoje, imprecisos. O rei Josias parece ter sido a fonte inicial da primeira veneração da escrita entre os judeus – usando a escrita para maior controle político. Promulgou o “Templo de Jerusalém como único santuário de

Javé”. Nesse período, um secretário de Josias descobriu (622 a.C.) os rolos do livro de Deuteronômio dentro do templo. Esse documento teve sua leitura em voz alta, proporcionando, assim, a santificação da escrita, e o livro também se tornou um símbolo.

Os romanos tinham o latim, escrito e falado, como língua oficial usada pelos habitantes de Roma. Os primeiros reis e comerciantes faziam uso frequente de tabuletas de cera para correspondência e contabilidade. Durante o século IV a.C., a escrita havia se tornado vital para a eficácia do poderio militar e político de Roma. O uso da escrita aumentou exponencialmente nos séculos II e I a.C. O *volumen*, ou rolo romano, tinha vantagem em relação ao papiro por permitir textos mais extensos; no entanto, o rolo de papiro era um objeto caríssimo. Apesar de todas as mudanças, a leitura romana calcava-se na grega, bem como a aprendizagem romana seguia os moldes da grega. Vemos, aqui, a importância dos gregos para a continuidade da aprendizagem da escrita, da cultura, da história, importância essa que segue até os dias atuais. Roma foi considerada o primeiro império da leitura, onde muitos habitantes liam e escreviam.

De acordo com Fischer (2006, p. 61), as primeiras leituras em latim foram feitas por meio dos nomes de proprietários em vasos e objetos de metal – em um incipiente comércio – e alguns textos curtos, de teor religioso. A abrangência da escrita no Império Romano era muito grande. No entanto, a sociedade permaneceu fundamentalmente oral, de modo a colocar a leitura como habilidade acessória: “Até 100 a.C., é possível que menos de um em cada dez habitantes da própria cidade de Roma era capaz de ler e escrever, e durante todo o Império menos de uma em cada vinte ou trinta mulheres. Não era uma sociedade letrada” (Fischer, 2006, p. 62). Embora fundamentalmente oral, a escrita estava presente em quase toda a parte do Império Romano. Convém refletir que, se a princípio, a escrita era um instrumento de poder de uma pequena oligarquia, com o tempo e com as conquistas romanas, a escrita tornou-se trivial na administração e na correspondência. A título de exemplo, menciona-se as duas mil cartas encontradas no norte da Grã-Bretanha, em uma base militar romana. Com isso, é possível perceber que um dos papéis da escrita era o de manter contatos pessoais, preservando uma rede social e a cultura romana em regiões primitivas. Outrossim, outras funções da escrita podiam ser observadas em diversas partes do Império: moedas, monumentos, lápides, cartazes; em síntese, modos de leitura e escrita que mantinham o funcionamento do poderio. Para mais, Fischer (2006) aponta que, nos primeiros séculos d.C., a maioria dos romanos letrados lia em voz alta, pois a habilidade havia se expandido para além dos patrícios.

Apesar da forte presença da escrita, que resultou em um comércio de livros – sobretudo Homero, Virgílio e a Bíblia –, os rolos de papiro – livros – eram raros, por questões

financeiras. Apenas os abastados, homens da alta sociedade, possuíam e reuniam livros inteiros em papiros. É interessante que, ainda nesse contexto, Roma era o centro de publicação, comercialização e distribuição de livros do Império. Em Roma, os livros eram exibidos em livrarias e os vendedores cumpriam papel de mediadores, auxiliando na circulação de livros, anunciando novas obras e pendurando cartazes. Na conjuntura supracitada, não tardou para que círculos de leitura surgissem: esses círculos eram responsáveis por acolher e promover autores, tal qual o idioma, com atividades que visavam divertir e incentivar autores. Os círculos, promovidos por ricos para entretenimento, funcionavam também como uma ponte entre escritor e público, dado que os autores esperavam críticas após a leitura pública (Fischer, 2006, p. 67). Reforçamos, portanto, a potência da leitura em voz alta nesse período, uma vez que a habilidade do autor em oratória era mais valorizada que o conteúdo da obra, afinal, a leitura em voz alta de um texto é um ato revelador, que sensualiza, hipnotiza o leitor/ouvinte e dá tom ao texto.

Contudo, a distinção entre a literatura de leitura silenciosa e a de voz alta ainda não existia, o que não diminuía a importância da fala: “A escrita dorme, a fala repercute.” (Fischer, 2006, p. 69). Isto é, a fala é aquilo que toca quem acompanha e recebe aprovação. Assim, entendemos, também, que o leitor era um transmissor, pois transmitia o que lia, e não um receptor, capaz de armazenar o que era lido. Ademais, Fischer (2006, p. 71) nos transporta para a realização das leituras no passado, em ambientes fora dos círculos de leitura. Bem como na Grécia, havia bibliotecas em Roma, das quais destacamos a Biblioteca Real Macedônia, a Biblioteca de Mitrídates, a Biblioteca de Lúcio Calpúrnio Pisone – soterrada pela erupção do Vesúvio –, entre outras. Havia, ainda, uma ostentação de rolos de papiros, que transformava espaços da casa em ambientes luxuosos.

É necessário mencionar a conexão da leitura e da escrita com o fator social e histórico, visto que ocorria uma distinção entre os gêneros feminino e masculino para determinadas leituras. Enquanto homens possuíam clássicos em latim, mulheres dedicavam-se à leitura de obras religiosas. Para mais, o Império Romano nunca experimentou uma “leitura popular”, uma obra lida por dezenas ou centenas de milhares de pessoas, por conta do número reduzido de leituras individuais. Entre os romanos, havia uma consciência da potência da leitura e da interpretação, e da relação dessa potência com as necessidades do leitor. Ou seja, a leitura e a escrita estavam conscientemente interligadas aos intuitos dos detentores de poder.

No final da Antiguidade e início do Cristianismo, nota-se um declínio do uso do rolo de papiro em decorrência do aparecimento do pergaminho, que era um material mais acessível, de fácil produção, custo relativamente baixo e facilitador da leitura (Fischer, 2006, p. 76). Com ele, criou-se o “códice”, texto com páginas escritas em ambos os lados que

assegura, mais adiante, a produção do livro moderno. O códice trouxe inúmeras inovações, como a expansão do potencial autoral, a escrita de obras volumosas em uma unidade e a inclusão de glossários, e foi fundamental para o fortalecimento do cristianismo e, sobretudo, da Igreja Católica. A religião transforma, assim, o ato de leitura em um ritual de grupo e, embora a leitura sofra um declínio em todos os domínios sociais, na prática religiosa ganha força: “O cristianismo obteve êxito sobretudo porque, tendo sido parasitário do ensino greco-latino, defendeu a literatura como seu próprio veículo e, assim interessou aos letrados eruditos” (Fischer, 2006, p. 80). É posto por Fischer (2006) que a leitura e a escrita coexistiram com todos os aspectos da cultura oral tradicional, de modo que aqueles que dominavam as práticas de ler e escrever ampliaram as diferenças de classes preexistentes.

Compreendemos, nesse viés, que o Novo Testamento foi fundamental para a difusão da fé da Igreja Católica, dando bases sólidas para que a leitura fosse utilizada para a doutrinação e, no caso da leitura de imagens, para a aproximação e atração das pessoas para aquilo que era visível. “Todo o legado da Antiguidade clássica passou a ser direcionado pela nova Igreja Cristã. [...] A leitura se destaca com proeminência, já que todo frade cristão deveria dedicar diversas horas do dia, se possível, à leitura das Escrituras” (Fischer, 2006, p. 85). Em suma, quase todos os gregos e romanos letrados faziam uso da habilidade de ler e escrever para registros de contas, correspondências e funções sociais que pouco tinham a ver com literatura. Por essa razão, Fischer (2006) afirma que uma sociedade letrada demoraria quase dois mil anos para se formar. Por fim, o autor reflete sobre como, nos últimos séculos da Antiguidade, a leitura tornou-se mais introspectiva, voltada para a busca interna e pessoal. Com o pergaminho e a divulgação da fé, a leitura transformou-se, cada vez mais, em um processo silencioso.

Dando um salto histórico, chegamos a uma data que revolucionou o papel do livro na sociedade. Até então, todas as obras importantes eram manuscritas, o que levava bastante tempo para que os escribas conseguissem concluir seu trabalho. Mas no início da década de 1450, com a invenção da prensa por Gutenberg, os livros passaram a ser mais acessíveis e seu custo diminuiu com o passar dos anos. Apesar desse processo ter sido lento, foi possível que os livros alcançassem maior número de pessoas. Inicialmente, a prensa é recebida com certa resistência, por se acreditar que o escritor e os leitores se distanciaram, mas com o tempo foi sendo aceita devido a sua incontestável praticidade.

Em relação à prática de leitura e escrita é preciso enfatizar que a censura e a perseguição às obras escritas sempre existiram. Na antiguidade, elas eram realizadas por meio da destruição das tabuletas ou apagando o que havia sido escrito, riscando-as; já as inscrições nos monumentos públicos eram apagadas ou vandalizadas. Durante a Idade Média, aqueles que

detinham conhecimentos considerados “duvidosos” eram acusados de blasfêmia contra a igreja e queimados em fogueiras junto com suas obras. Durante os regimes totalitários, fascismo e nazismo, muitas obras foram queimadas em fogueiras. Já nas ditaduras militares no Brasil e em outros países da América, obras eram censuradas, impedidas de serem publicadas, tal como ocorria com as músicas; os autores eram perseguidos, presos, mortos ou exilados de seu país.

Ler e divulgar conhecimento é, desde sempre, um problema para aqueles que pretendem ter domínio sobre a população e exercer seu poder sem grandes questionamentos. Durante toda a história isso ocorreu. Além dos exemplos citados anteriormente, muitos outros existem, comprovando que os livros e o conhecimento podem se tornar uma ameaça.

O desenvolvimento da capacidade de ler substitui, aos poucos, a habilidade oral, e a busca por conhecimento e aprendizado se torna constante. Por muitos séculos o acesso aos livros era tido como uma mágica, muitas bibliotecas e colecionadores se tornaram famosos pelo número de obras que possuíam.

É preciso levar em conta que para conseguir ler e aprender é necessário que se construam hábitos. Para Fischer (2006, p. 13), “Leitores frequentes sempre se tornam leitores fluentes, os quais passam a minimizar o som e maximizar o significado”. Apesar do acesso livre aos livros eletrônicos e da facilidade de se encontrar obras encadernadas, hoje em dia têm-se discutido muito sobre a falta de leitores frequentes.

O mundo digitalizado exige pressa para que não se percam todas as informações disponíveis. É claro que aqueles que olham com certo distanciamento aprenderam a filtrar o que é necessário e importante, mas isso acontece com a minoria. Hoje, existe uma briga entre o impresso e o eletrônico: os defensores das obras impressas e encadernadas com suas capas atraentes argumentam que não há nada que substitua o prazer do contato com esse objeto.

Voltando ao apontamento inicial, sobre a literatura salvar vidas, é possível dizer que, na obra em questão, a leitura salvou a menina em vários momentos e ajudou a salvar alguns de seus conhecidos também. Seja quando ela rouba os livros e aprende a ler, fugindo do caos e dos conflitos da Alemanha nazista; nos momentos em que lê para aqueles que estão se escondendo dos bombardeios no porão; o livro que salva a vida do judeu Max Vanderburg; ou, literalmente, quando ela está lendo e escrevendo no porão e se salva do bombardeio na Rua Himmel.

O livro, enquanto objeto, é atuante, é quase uma personagem, sem ele não se conheceria nada. O livro é uma abertura do mundo, é preciso se passar por ele para que o conhecimento seja acessado, quando está fechado ele não diz nada.

2.1 OS LIVROS ROUBADOS

É inegável a importância dos livros para o crescimento da cultura social e do aprendizado das pessoas em relação a qualquer área do conhecimento. É através deles que temos acesso a tudo o que foi construído pela humanidade até hoje. No entanto, a história humana já presenciou e, em alguns lugares, ainda presencia uma perseguição aos livros e ao conhecimento.

A história de Liesel Meminger acontece em um desses lugares, em uma época inhospita para quem era curioso e queria aprender e saber mais, a Alemanha nazista. O controle social acontecia por meio da censura a livros e propagandas que não estivessem de acordo com o regime, a população era obrigada a ler e ouvir aquilo que o governo colocava em circulação, e obras consideradas em desacordo com aquilo que era pregado deviam ser banidas da sociedade.

Os roubos de livros se iniciam nas primeiras páginas. Liesel e seu irmão Werner estão no trem em direção a Munique, indo para a casa de seus pais adotivos; no entanto Werner passa mal e acaba morrendo no trem. Cumpre-se o ritual do enterro e, ao deixar o local, o aprendiz de coveiro deixa cair do bolso um objeto retangular de capa preta, *O manual do coveiro*, esse foi o livro roubado da neve, o primeiro dos furtos.

Ao chegar em sua nova casa, Liesel esconde o livro embaixo do travesseiro. Ele será descoberto dias mais tarde, quando, após um pesadelo, a menina faz xixi na cama e, ao seu pai, Hans Hubermann, puxar o lençol para trocá-lo, o objeto cai aos seus pés. Liesel deseja lê-lo, mas ainda não foi alfabetizada. Começa, então, o seu processo de alfabetização. Todas as noites, após os pesadelos, o pai de Liesel vai até seu quarto para ensiná-la a ler. Para isso, ele aproveita as lixas de parede que usava em seu trabalho como pintor.

Como acontece nas escolas, o pai pinta uma letra maiúscula e uma minúscula atrás da lixa e pede para que a menina se lembre de palavras que comecem com aquelas letras. É por meio desse método, que acontece todas as noites, que a menina passa a reconhecer as letras e a ler suas primeiras palavras. Após os primeiros aprendizados, o pai inicia a leitura do *Manual do coveiro* até finalizá-lo.

Antes do próximo roubo chega o Natal e Liesel ganha mais dois livros, *Fausto*, o *cachorro* de Mattheus Otleberg e *O farol* de Ingrid Rippin Stein. Enfim a literatura estava presente em sua vida. Ela não só lia os livros roubados, mas também os que ganhava e os escolares.

O segundo livro foi roubado, justamente, de uma fogueira. O primeiro da neve, o segundo do fogo. Ao aproximar-se a data do aniversário do *Führer* em 1940, a Alemanha organizava comemorações com desfiles cívicos, gritos de ordem e defesa à pura raça alemã. Os soldados buscavam nas casas materiais que pudessem ser jogados em uma fogueira comemorativa em defesa do partido.

No fim das comemorações do dia, Liesel se encontra com seu pai e, após algumas palavras trocadas, iniciam a caminhada de volta para casa, no entanto, Hans encontra um conhecido. Enquanto os dois conversam, a menina se afasta e fica olhando para a fogueira e o trabalho dos soldados que recolhem as cinzas. Nesse momento, ela vê um pedacinho de material vivo entre os restos, três livros. Liesel se aproxima e, quando tem a chance, puxa o livro mais próximo e afasta-se rapidamente.

O segundo roubo carregou consigo um problema: a fumaça que saía do livro e que era perceptível. *O dar de ombros* foi levado por dentro do casaco, mas uma pessoa viu a cena, a esposa do prefeito. Esse flagrante, entretanto, abriu a porta para que Liesel tivesse acesso à biblioteca do prefeito.

Ilsa Hermann é uma das clientes da mãe de Liesel, e Liesel sempre leva a roupa limpa e passada até a casa do prefeito. Após o episódio da fogueira, Ilsa convida a menina para entrar e conhecer a biblioteca, ela se encanta com o lugar e passa a ler na biblioteca todas as vezes que vai entregar a encomenda. Isso se repete por muitos meses, até que os serviços de roupa limpa são dispensados devido às dificuldades da guerra.

Nesse novo contexto, Liesel vê a oportunidade de novos roubos. Ela e Rudy Steiner, seu melhor amigo, sempre rondam a casa do prefeito até que um dia encontram a janela da biblioteca aberta. A menina pula a janela e rouba *O assobiador*; mais tarde, em outra oportunidade, rouba *O carregador de sonhos*. Em uma visita posterior, ao chegar à casa do prefeito, ela se depara com um livro encostado à janela, denunciando que Ilsa Hermann sabia dos roubos. O livro em questão é *Dicionário e tesouro Duden completo*, que será muito utilizado pela menina.

Na visita seguinte ao lugar, Liesel se depara com um prato com biscoitos em cima da escrivaninha, dava para notar que estavam ali há algum tempo. A menina agradece através de um bilhete e comete mais um roubo, *O último forasteiro humano*. Antes de pular a janela de volta, a porta da biblioteca se abre e Ilsa e Liesel se encaram e dialogam, nesse dia Liesel descobre que a biblioteca, na verdade, era de Ilsa e não de seu marido.

Uma última tentativa de roubo acontece antes de os bombardeios atingirem a cidade onde moram. Quando Liesel chega, cumpre o mesmo ritual de pular a janela, retirar um livro

da prateleira e ler algumas páginas. Mas nesse dia ela havia passado por muitas coisas que a desagradaram: a morte do irmão, a mãe que havia ido embora, um rapaz da rua que se enforcou, o piloto de avião cuja morte ela presenciou, seu amigo judeu que foi obrigado a caminhar para um campo de concentração. Apesar de todas as tragédias, Liesel enxerga o valor dos livros e os benefícios que eles trazem:

[...] sentada ali com os livros encantadores e seus títulos manicurados. [...] Seus cretinos, pensou. Seus cretinos encantadores. *Não me façam feliz. Por favor, não me saciem nem me deixem pensar que alguma coisa boa pode sair disso. Olhem para meus machucados. Olhem para este arranhão. Estão vendo o arranhão dentro de mim? Estão vendo ele crescer bem diante dos seus olhos, me corroendo? Não quero ter esperança de mais nada. Não quero rezar para que Max esteja vivo e em segurança. Nem Alex Steiner. Porque o mundo não os merece* (Zusak, 2008, p. 364).

Após essas reflexões, Liesel encontra uma maneira de colocar sua raiva para fora, uma maneira incomum para ela, uma vez que sempre foi uma defensora das palavras, dos livros e do conhecimento que eles trazem:

Arrancou uma página do livro e a rasgou ao meio. Depois, um capítulo. Em pouco tempo, não restava nada senão tiras de palavras, derramadas feito lixo entre suas pernas e em toda a sua volta. As palavras. Por que tinham que existir? Sem elas, não haveria nada disso. Sem as palavras, o *Führer* não era nada. Não haveria prisioneiros claudicantes, nem necessidade de consolo ou de truques mundanos para fazer com que nos sentíssemos melhor. De que adiantavam as palavras? Dessa vez ela o disse em voz alta, para a sala iluminada de laranja. — De que servem as palavras? (Zusak, 2008, p. 365).

Por conta da transformação e do conhecimento que os livros trouxeram para sua vida, Liesel consegue entender a importância das palavras e as consequências do modo como são usadas. Muitas vezes elas são manipuladas para convencer de forma negativa grupos de pessoas, cidades, estados e, até mesmo, países, como foi o caso da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Com seu discurso fanático, Hitler conseguiu falar o que as pessoas queriam ouvir naquele momento, foi capaz de convencer boa parte da população de que os judeus eram o problema para o não desenvolvimento alemão e que eles deviam ser eliminados. Esse exemplo histórico nos faz refletir sobre a democracia, o poder de escolha, a liberdade e deixa um alerta para tudo aquilo que é extremo.

Antes de sair, Liesel deixa outro bilhete, dessa vez era um pedido de desculpas pelo que havia feito, e explica que estava com raiva e medo e que queria “matar as palavras”. Após três dias, ela recebe a visita de Ilsa Hermann, algo inesperado. A mulher do prefeito lhe oferece um livro de capa preta como presente, mas dentro havia papel pautado para que Liesel escrevesse sua própria história, o que inicia no mesmo dia:

Como se veio a constatar, Ilsa Hermann não deu apenas um livro a Liesel Meminger nesse dia. Deu-lhe também um motivo para passar tempo no porão — seu lugar favorito, primeiro com o pai, depois com Max. Deu-lhe uma razão para ela escrever suas próprias palavras, para ver que as palavras também lhe tinham dado vida.

— Não se castigue — a menina a ouviu dizer outra vez. Mas haveria castigo e sofrimento, e haveria também felicidade. Em escrever.

À noite, quando a mãe e o pai foram dormir, Liesel desceu furtivamente ao porão e acendeu a lamparina de querosene. Durante a primeira hora, só fez olhar para o papel e o lápis. Obrigou-se a lembrar e, como era seu hábito, não desviou os olhos.

— Schreibe — instruiu a si mesma. Escreva.

Passadas mais de duas horas, Liesel Meminger começou a escrever, sem saber como conseguiria fazer isso direito. Como poderia saber que alguém apanharia sua história e a carregaria consigo por toda parte?

Ninguém espera essas coisas.

Ninguém as planeja.

Usando uma lata pequena de tinta como assento e uma grande como mesa, Liesel pôs o lápis na primeira página. No centro, escreveu o seguinte:

• *A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS* •

uma pequena história

de

Liesel Meminger

(Zusak, 2008, p. 367).

Apesar da longa citação, é nesse ponto que fica claro como essa história começou. Após várias visitas à casa do prefeito para entregar as roupas passadas por sua mãe e frequentar a biblioteca, Liesel mantém uma ligação com Ilsa. Quando o casal dispensa os serviços de Rosa Hubermann, a menina para de frequentar a biblioteca. Para que não deixe de se dedicar aos estudos, a primeira-dama a presenteia com um livro pautado. Liesel inicia então um processo de escrita sobre o que viveu desde sua vinda para Munique, a morte do irmão no trem e tudo o que presenciou até o momento em que escreve.

A escrita de seu diário acontece sempre no porão de sua casa. Em um desses dias, enquanto se dedica à escrita, a rua onde mora é bombardeada.

Quando a equipe de resgate consegue encontrá-la, Liesel está cheia de poeira e carrega seu diário. Quando vê a destruição da rua onde morava, desespera-se e sai à procura da família e de amigos, o livro cai de suas mãos nesse momento. Ao iniciarem a limpeza da rua,

ele é jogado na caçamba de lixo e a Morte o avista e o resgata e só assim é possível que a história seja contada aos leitores.

Após os bombardeios à Rua Himmel, Liesel é a única sobrevivente. Ela é encaminhada para a delegacia da cidade e, depois de três horas de espera, o prefeito e sua esposa levam a menina para casa deles.

3 A PROBLEMATIZAÇÃO DO FOCO NARRATIVO

As questões envolvendo o foco narrativo têm origem na antiguidade clássica, com Platão e Aristóteles, e chegam até nossos dias. O foco narrativo sempre será de responsabilidade do narrador, aquele que conta a história: é ele quem decide a forma como apresentará os acontecimentos ao leitor; o autor da ficção, por sua vez, é o criador do narrador, ou seja, é o autor quem decide o tipo de narrador da sua história. Como aponta Fernandes (1996), o estatuto do narrador, qualquer que seja ele, é o de quem conhece. A maneira como revela o que sabe ou como o faz é o que distingue os diversos narradores. Por menos que saiba, aquele que narra sabe de algo.

O narrador pode contar o que aconteceu se colocando externamente aos fatos narrados, caracterizando, dessa forma, uma narração objetiva; ou, ainda, alojar-se na mente de uma personagem que é um centro de percepção, de linguagem, e no ambiente em que se movimentam as personagens.

Vários teóricos tentaram resolver o problema do narrador e do foco narrativo: Henry James (*apud* Leite, 1994, p. 13), por exemplo, escreveu vários prefácios a respeito de seus próprios romances e, para ele, o narrador ideal seria aquele cuja presença, discreta, daria a impressão ao leitor de que a história se conta por si mesma, através de um equilíbrio entre o contar e o mostrar.

Wayne C. Booth (*apud* Leite, 1994, p. 18) propõe outra teorização para a compreensão do foco narrativo. Para ele, a história pode ser contada de várias maneiras e o “[...] autor não desaparece, mas se mascara constantemente atrás de uma personagem ou de uma voz que o representa”. Booth (*apud* Leite, 1994, p. 19) caracteriza o “[...] autor implícito como uma imagem do autor real, que comanda os movimentos do narrador, das personagens, dos acontecimentos narrados, e controla o tempo cronológico e psicológico, o espaço e a linguagem em que se narram os fatos”.

Quando contextualizamos a história do autor de *A menina que roubava livros*, ficamos sabendo que seu pai e sua mãe viveram durante a Segunda Guerra e, ouvindo as histórias que contavam, Markus Zusak decidiu pesquisar mais sobre o assunto, foi à Alemanha e visitou o campo de concentração de Dachau. Com essas informações podemos dizer que o autor se mascara atrás da narradora, a Morte, ou seja, as visões que a narradora passa aos leitores podem ser as do próprio autor, informações adquiridas por meio das pesquisas que fez e das histórias contadas pelos pais.

Wayne Booth (*apud* Leite, 1994) também classifica os narradores em não representados e representados. Os narradores não representados não têm rosto, nenhuma característica pessoal, manifestam-se através da narração impessoal. Os narradores representados encarnam o “dizer enquanto mostrar”, dramatizam sua própria mente na medida em que narram a história. A partir dessa classificação, temos no romance de Zusak uma narradora representada, ela participa e mostra o que está narrando:

Quanto a mim, eu já havia cometido o mais elementar dos erros. Não consigo lhe explicar a intensidade de minha decepção comigo mesma. Originalmente, eu tinha feito tudo certo [...] titubeei. Cedi — fiquei interessada. Na menina. Fui vencida pela curiosidade e me resignei a ficar o tempo que meu horário permitisse, e observei (Zusak, 2008, p. 11).

As características pessoais da narradora aparecem o tempo todo no decorrer da obra, aqui ela fala de si, mas se mostra comum, como os humanos, porque também comete erros, também é curiosa, também se decepciona, se interessa, se resigna, como nós.

Jean Pouillon (1974), em seu livro *O tempo no romance*, sugere uma categorização das visões narrativas: a primeira denomina-se “a visão com”, em que o narrador se limita ao saber da personagem sobre si e sobre os acontecimentos. Escolhe-se um único personagem como central: “[...] é central não porque seja visto do centro, mas sim porque é sempre a partir dele que vemos os outros. É ‘com’ ele que vemos os outros protagonistas, é ‘com’ ele que vivemos os acontecimentos narrados” (Pouillon, 1974, p. 54).

Na obra estudada, a narração tem como centro a menina, é a partir dela que a história é contada: seus roubos, sua vivência, a casa de sua família, seus amigos, sua escola e como ela passa por esse momento histórico, tão importante para todos. Tudo chega para nós por meio do filtro da sua visão de mundo. As demais personagens têm sua importância, mas são secundários, são eles: os pais adotivos de Liesel, seu melhor amigo Rudy, a mulher do prefeito que a acolhe em sua biblioteca, o judeu que se esconde em seu porão, todos giram em torno dela.

A segunda categoria sugerida por Pouillon (1974) é a “visão por detrás”, indicando que o narrador domina todo o saber sobre a vida da personagem e sobre o seu destino; ele é onisciente, sabe de onde partem e para onde vão, o que pensam, fazem e dizem as personagens:

Em lugar de situar-se no interior de um personagem, o autor pode tentar distanciar-se do mesmo, não para vê-lo do exterior, para ver os seus gestos e ouvir simplesmente as suas palavras, mas para considerar de maneira objetiva e direta a sua vida psíquica. O protótipo dessa compreensão nos é fornecido pela reflexão que cada um de nós pode fazer sobre a sua própria pessoa, e na qual nos transformamos como que em objetos para nós mesmos, assim como

por todos os casos em que nos julgamos capazes de falar dos sentimentos, dos pensamentos de outrem, sem os fazer nossos (Pouillon, 1974, p. 62).

A “visão por detrás” também aparece em *A menina que roubava livros*. Em alguns momentos a Morte narra com a menina, como se estivesse ao seu lado; em outros ela narra por detrás, colocando-se fora da história. O narrar “por detrás” acontece principalmente quando descreve o recolher das almas e a cor que o céu está nesses momentos. É como se a Morte pudesse voar sobre as almas, vê-las de cima, não estando “com” elas. Aqui, o autor – por ter pais que viveram durante a Segunda Guerra Mundial e conhecer as histórias desse período – e a narradora podem ser vistos como se estivessem nessa posição “de detrás”, como o próprio Pouillon (1974, p. 62) vai dizer, “[...] no caso presente, pelo contrário, esta fonte não se acha no romance e sim no romancista, na medida em que este dá prosseguimento à sua obra, sem coincidir com a de seus personagens”.

A terceira categoria proposta por Pouillon (1974) é a “visão de fora”. Completando as tipologias propostas pelo autor, essa se caracteriza por ser aquela em que se renuncia até mesmo ao saber da personagem: o narrador descreve os acontecimentos falando do exterior, sem adentrar nos pensamentos, emoções, intenções ou interpretações das personagens; “[...] o ‘fora’ é a conduta, na medida em que é materialmente observável. É também o aspecto físico do personagem; assim como o meio em que ele vive” (Pouillon, 1974, p. 74). A visão de fora não acontece no romance analisado, já que a narradora participa e fala de dentro da história, junto com a protagonista, e também fala detrás, observando tudo o que acontece com as personagens envolvidas na trama.

Segundo as perspectivas teóricas de Lubbock (1976 *apud* Leite, 1994, p. 14-15), o ponto de vista pode ser definido como cênico ou panorâmico. A apresentação é cênica quando o narrador está interessado em um único e particular momento, e é panorâmica quando o narrador exerce uma função generalizada. Na obra em questão é utilizada a apresentação cênica, pois a narração acontece através de um ponto de vista generalizado, com vários momentos sendo contados e várias personagens sendo mostradas com suas histórias, sentimentos e interações.

A objetividade da narração e a defesa de que a narrativa deveria contar-se sozinha, sem a intervenção de um narrador, é uma visão realista que entra em crise no século XX, quando a narrativa se fragmenta em múltiplos centros. Em seu ensaio “Texto e contexto: reflexões sobre o romance moderno”, Anatol Rosenfeld (1971 *apud* Leite, 1994, p. 72) analisa a “[...] perda do centro na literatura, afirmando que no romance abala-se sua cronologia fundindo-se passado, presente e futuro”.

“O narrador é substituído por uma voz diretamente envolvida no que narra, narrando por apresentação direta e atual, anulando, dessa forma, a distância entre o narrado e a narração” (Leite, 1994, p. 72). É isso o que faz a Morte no livro de Zusak (2008), demonstrando estar envolvida com o que narra, até mesmo sentimentalmente, pois dá a entender que gosta e sente pena das personagens da história.

O aprofundamento no processo psíquico da personagem-narradora acaba por desmanchar a noção tradicional de personagem, fragmentada agora numa voz sem rosto, que, no limite, é expressão do inconsciente, para além do caráter retratado pelo romance psicológico (Leite, 1994, p. 73).

A Morte, personagem e narradora de *A menina que roubava livros*, guia o leitor por meio de suas estratégias; é uma voz sem rosto, pois não conseguimos saber como é “a cara da morte”. Caracteriza, dessa forma, o narrador dos romances do século XX, aquele que tem a voz, mas o leitor não consegue decifrar quem é.

Esse aprofundamento psíquico da personagem narradora é notado na obra através de seus sentimentos:

Por favor, acredite quando lhe digo que, naquele dia, peguei cada alma como se fosse um recém-nascido. Cheguei até a beijar alguns rostos exaustos, envenenados. Ouvi seus últimos gritos entrecortados. Suas palavras evanescentes. Observei suas visões de amor e os libertei de seu medo (Zusak, 2008, p. 251).

Aqui, a Morte relata o recolhimento de almas nas câmaras de gás. Ao pegá-las e tratá-las como recém-nascidos ela demonstra o cuidado com os humanos, beija seus rostos para lhes dar algum conforto após serem envenenados nas câmaras.

Na edição de 2008, publicada pela editora Intrínseca, a contracapa do livro *A menina que roubava livros* traz um importante chamamento: “Quando a Morte conta uma história, você deve parar para ler”. A frase gera expectativa no leitor logo nesse primeiro contato com a obra. Ao ser mencionada com letra maiúscula, a Morte não é apresentada como uma contadora de histórias comum, pois é vista como indesejada, aquela que se quer manter longe, mas a frase faz com que o leitor queira saber o que ela tem a dizer.

Os elementos visuais da capa e contracapa também criam expectativa. O branco é predominante, quase não diferenciando o céu da neve no chão, as árvores secas apresentam um ambiente em inverno rigoroso e a andarilha com manto preto e guarda-chuva vermelho se destaca na cena. Esses elementos sugerem o que está por vir.

As orelhas do livro trazem importantes indicações sobre o período histórico retratado, entre 1939 e 1943, algumas personagens que vão aparecer e a Morte como narradora da história de Liesel, mostrando a importância que a menina tem e o quanto sua história vale a pena ser lida, já que a própria Morte decide contá-la.

O livro é dividido em prólogo, dez partes e epílogo. Antes de iniciar a narrativa dessas partes, são apresentados tópicos, uma espécie de sumário, indicando os assuntos que serão tratados em cada capítulo.

No prólogo, a narradora se apresenta e interage de forma direta com os leitores. No decorrer de toda narrativa, a Morte faz intervenções nos capítulos, apontando tópicos importantes da história, como no início de sua apresentação (Zusak, 2008, p. 8):

• *EIS UM PEQUENO FATO* •
Você vai morrer

Essa primeira interação não é nada simpática, mas, ao menos, causa certa reflexão sobre a única coisa que temos certeza na vida. Na sequência, ela continua a falar de si

Com absoluta sinceridade, tento ser otimista a respeito de todo esse assunto, embora a maioria das pessoas sintam-se impedida de acreditar em mim, sejam quais forem meus protestos. Por favor, confie em mim. Decididamente, eu sei ser animada, sei ser amável. Agradável. Afável. E esses são apenas os As. Só não me peça para ser simpática. Simpatia não tem nada a ver comigo.

[...]

Insisto — não tenha medo.

Sou tudo, menos injusta (Zusak, 2008, p. 8).

O seu modo de interagir traz proximidade com o leitor e, conforme vamos avançando na leitura, é possível perceber que a Morte não é tão ruim quanto se pensa. Ao se descrever e contar sobre seu trabalho, ela se aproxima dos humanos, mostrando que temos características parecidas: a Morte tem sentimentos como nós, também se cansa e precisa de férias, mas como não há ninguém para substituí-la, ela procura meios para se distrair:

Mesmo assim, é possível que você pergunte: por que é mesmo que ela precisa de férias? De que precisa se distrair?

O que me traz à minha colocação seguinte.

São os humanos que sobram.

Os sobreviventes.

É para eles que não suporto olhar, embora ainda falhe em muitas ocasiões. Procuro deliberadamente as cores para tirá-los da cabeça, mas, vez por outra, sou testemunha dos que ficam para trás, desintegrando-se no quebra-cabeça

do reconhecimento, do desespero e da surpresa. Eles têm corações vazados. Têm pulmões esgotados.

O que por sua vez, me traz ao assunto de que lhe estou falando esta noite, ou esta manhã, ou seja lá quais forem a hora e a cor. É a história de um desses sobreviventes perpétuos uma especialista em ser deixada para trás.

É só uma pequena história, na verdade, sobre, entre outras coisas:

- * Uma menina
- * Algumas palavras
- * Um acordeonista
- * Uns alemães fanáticos
- * Um lutador judeu
- * E uma porção de roubos

Vi três vezes a menina que roubava livros. (Zusak, 2008, p. 9)

No prólogo, a Morte fala sobre os sobreviventes que passaram por grandes transformações, mas continuam a viver com seus traumas e com o cansaço diante das crueldades a que foram submetidos. Apesar de estarem sozinhos, após perderem família e amigos, seguem vivendo para contar sua história. Os tópicos acima resumem o que será contado no romance e, o tópico mais importante – “uma especialista em ser deixada para trás” –, trata da menina, que é vista pela morte por três vezes, porém continua sua jornada.

A narradora continua essa primeira parte em três seções: “Ao lado da linha férrea”, uma descrição da morte do irmão de Liesel e a primeira vez que as duas se encontram; “O eclipse”, após a queda de um avião, a Morte vai em busca da alma do piloto e reencontra a menina; “A bandeira”, momento em que a rua onde Liesel morava é bombardeada e apenas ela sobrevive, pois estava no porão de sua casa escrevendo a história que será narrada:

Flocos de neve feitos de cinzas caíam tão encantadoramente, que a gente ficava tentada a espichar a língua para pegá-los, prová-los. Só que eles queimariam os lábios. Cozinhariam a boca.

Claramente, eu vi.

Estava prestes a ir embora, quando a encontrei ajoelhada.

Uma cordilheira de escombros fora escrita, desenhada, erigida à sua volta. Ela estava agarrada a um livro.

[...]

Ela deixou cair o livro.

Ajoelhou se.

A roubadora de livros uivou.

Seu livro o foi pisoteado várias vezes quando começaram a limpeza e, embora tivesse havido ordens de que se limpasse apenas a confusão de concreto, o objeto mais precioso da menina foi jogado num caminhão de lixo, e foi nesse ponto que me senti obrigada. Subi na caçamba e o peguei com minha mão, sem me dar conta de que o guardaria e o olharia milhares de vezes, ao longo dos anos. Observaria os lugares em que nos cruzássemos e me deslumbraria com o que a menina viu e a maneira como sobreviveu. Isso é o melhor que posso fazer — ver aquilo se encaixar em tudo o mais de que fui espectadora naqueles tempos (Zusak, 2008, p. 13-14).

A descrição de quando a obra escrita pela menina é resgatada pela Morte é retomada no final da narrativa, no epílogo, quando a narradora enfim encontra a menina, agora idosa, e lhe entrega seu livro autobiográfico:

Quando viajei até Sydney e levei Liesel, finalmente pude fazer uma coisa pela qual havia esperado durante muito tempo. Coloquei-a no chão e fomos andando pela Avenida Anzac, perto do campo de futebol, e tirei do bolso um livro preto e empoeirado.

A velha senhora ficou perplexa. Segurou-o nas mãos e perguntou:

— É ele mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

Com grande alvoroço, ela abriu *A Menina que Roubava Livros* e folheou as páginas.

— Não consigo acreditar...

Muito embora o texto estivesse desbotado, ela conseguiu ler as palavras. Os dedos de sua alma tocaram na história escrita tanto tempo antes, em seu porão da Rua Himmel.

Ela se sentou no meio-fio e eu a acompanhei.

— Você o leu? — perguntou, mas não olhou para mim. Tinha os olhos fixos nas palavras.

Fiz que sim.

— Muitas vezes.

— E conseguiu entender?

Nesse ponto, houve uma grande pausa (Zusak, 2008, p. 382).

Aqui se encerra a história de Liesel, com a recuperação do romance escrito por ela há muitos anos. Podemos considerar a narrativa como circular: no início, a narradora descreve como encontrou o livro, após ele ter sido deixado na rua pela menina, depois dos bombardeios que atingiram sua cidade; e, no final, a Morte devolve a obra encontrada para sua autora.

3.1 NARRADOR ONISCIENTE

Os estudiosos do foco narrativo, antes de qualquer definição, buscam fazer uma distinção entre o sumário narrativo (contar) e a cena imediata (mostrar).

Norman Friedman (2002, p. 172) define muito bem as duas categorias:

O *sumário* narrativo é uma apresentação ou relato generalizado de uma série de eventos cobrindo a extensão de tempo e uma variedade de locais, e parece ser o modo normal, simples, de narrar: *a cena imediata* emerge tão logo os detalhes específicos, contínuos e sucessivos de tempo, espaço, ação, personagem e diálogo começam a aparecer. Não o diálogo tão somente, mas detalhes concretos dentro de uma estrutura específica de espaço-tempo é *o sine qua non* da cena.

Como bem explica Norman Friedman (2002, p. 173), tanto o sumário como a cena imediata podem aparecer nos romances, expandindo os detalhes ou contraindo-os; no entanto, “[...] a tendência no Autor Onisciente Intruso está longe da cena, pois é a voz do autor que domina o material, falando frequentemente por meio de um “eu” ou “nós”.

O narrador onisciente é aquele que sabe tudo o que acontece na história, tem consciência e segurança a respeito do que vai narrar, tem domínio sobre a narrativa, tem uma visão exterior aos fatos narrados, sabe o que ocorreu no passado, o que ocorre no presente e o que acontecerá no futuro, faz o processo de ida e volta no tempo e tem domínio sobre ele. Afastado daquilo que narra, é ele quem seleciona os elementos da narrativa e guia o leitor, mostrando-lhe o direcionamento para aquilo que lê.

Apesar de a obra em análise ter sido escrita pela menina, a Morte narradora coloca seu ponto de vista ao contar a história. Ela demonstra sentimentos, opina sobre as personagens e sobre o momento histórico em que a narrativa está acontecendo, consegue ler a mente e os sentimentos das personagens. Não há dúvidas sobre o tipo de narrador desse romance, já que ela dialoga com o leitor apresentando-se e utilizando os verbos na primeira pessoa, ora de maneira irônica, ora amenizando os fatos que carregam um grande peso diante do contexto em que acontecem.

Esse tipo de narrador pode se colocar acima ou atrás daquilo que narra, no centro, na periferia ou frontalmente; ou seja, é capaz de adotar várias posições em relação ao que conta. É ele quem passa ao leitor o que está acontecendo, de modo que sua visão, palavras, pensamentos e percepções que predominam.

O narrador onisciente pode tomar uma atitude intrusiva em relação à matéria narrativa. Nesse caso, os acontecimentos narrados serão entremeados com comentários sobre a vida, os costumes, o caráter e a moral.

Segundo as classificações, o narrador onisciente intruso

[...] tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou por trás, adotando um PONTO DE VISTA divino, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada (Leite, 1994, p. 26-27).

É dessa maneira que a narradora se comporta em *A menina que roubava livros*. A Morte está em todos os lugares o tempo todo, ela não descansa, não tira férias, recolhe almas e sempre há mais alguém que precisa ser recolhido. Ela sabe tudo de todos, o que pensam as personagens, do que gostam e do que não gostam, como se sentem, como estão suas almas na hora de serem levados: “[...] me ajoelhei e extraí a alma do menino, segurando-a, amolecida em meus braços inchados. [...] quando o peguei, o espírito do menino estava mole e frio feito sorvete. Começou a derreter em meus braços” (Zusak, 2008, p. 18).

As intervenções que a Morte faz ao longo da obra são, na verdade, **intromissões** sobre os modos de vida, pensamentos e moralidade das personagens; ela comenta e critica mostrando o seu ponto de vista. Se pensarmos na forma como se posiciona, podemos dizer que é como se fosse uma câmera que vê de cima, que domina toda a cena que está observando. A narradora nos aproxima das personagens ao nos dar acesso aos seus pensamentos e sentimentos, e nos distancia deles e do ambiente em que estão quando interfere diretamente na história.

A questão da onisciência da narradora é muito clara; mas, além disso, ela utiliza outras estratégias narrativas para criar suspense, como o uso de prolepses, por exemplo.

A prolepse é um conceito defendido por de Gerárd Genette ([197-], p. 38) no livro *Discurso da narrativa*. O autor define a “[...] prolepse como toda a manobra narrativa consistindo em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior [...]”, ou seja, é quando ocorre uma antecipação de fatos que ainda vão acontecer dentro da narrativa. Esse recurso, muitas vezes, prende a atenção do leitor, criando expectativa sobre o que vai acontecer com algumas personagens ou situações criadas dentro da trama.

Em *A menina que rouba livros* isso acontece diversas vezes. A Morte, por saber de tudo, intervém na narrativa e antecipa acontecimentos que ainda virão:

Quatro anos depois, quando ela começou a escrever no porão, duas ideias ocorrem a Liesel a respeito do trauma de urinar na cama. Primeiro, ela achou que tivera uma sorte imensa por ter sido o papai a descobrir o livro. [...] Segundo, ela sentia um orgulho evidente do papel de Hans Hubermann em sua educação. Talvez você não imagine, escreveu, mas não foi tanto a escola que me ajudou a ler. Foi papai. As pessoas acham que ele não é inteligente, e é verdade que ele não lê muito depressa, mas eu não tardaria a saber que as palavras e a escrita tinham salvado sua vida, uma vez. Ou, pelo menos, as palavras e um homem que lhe ensinara o acordeão... (Zusak, 2008, p. 46-47).

Nessa passagem a história é antecipada duas vezes: ao relatar que a menina escreveria seu próprio livro quatro anos mais tarde; e quando Liesel escreve sobre o seu processo de aprendizagem com o pai, mencionando que ele havia sido salvo durante a Primeira

Guerra pelo pai do judeu Max Vandenburg, que aparecerá na história e na casa dos Hubermann mais tarde.

A história avança e há uma prolepse sobre o acordeão que Hans, que toca todos os dias para ganhar dinheiro como músico, além de trabalhar como pintor também para o sustento da família:

O acordeão de Hans Hubermann era uma história. Em tempos vindouros, essa história chegaria ao número 33 da Rua Himmel nas primeiras horas da madrugada, usando ombros amarrotados e um paletó enregelado. Carregaria uma mala, um livro e duas perguntas. Uma história depois da história. Uma história dentro da história (Zusak, 2008, p. 52).

Nesse trecho, a narradora antecipa a chegada de Max Vandenburg à casa dos Hubermann. O pai de Max, Erik Vandenburg lutou ao lado de Hans durante a Primeira Guerra Mundial e perdeu a vida em combate. Com o término da guerra, Hans visita a família do amigo e se dispõe a ajudá-los, deixando seu endereço; nessa época, Max ainda era criança. Anos depois, quando os judeus passam a ser perseguidos, ele precisa da ajuda de Hans e o procura na Rua Himmel. A família Hubermann abriga Max em seu porão, correndo risco de serem presos por estarem indo contra o regime nazista.

São vários os momentos em que a narradora faz esse jogo de antecipar a história. Isso ocorre quando fala sobre o destino de algumas as personagens:

• *PEQUENO AVISO* •
SOBRE RUDY STEINER
Ele não merecia morrer como morreu
 [...] ele não merecia o destino que teve, pouco mais de dois anos depois (Zusak, 2008, p. 174).

Ao falar de Rudy, a Morte causa essa expectativa triste no leitor, pois antecipa sua morte e diz que ele tem pouco mais de dois anos para viver. O leitor consegue projetar que sua vida será breve e que, apesar de ser o melhor amigo de Liesel e querer estar junto dela, não presenciaremos nessa história um final feliz, como estamos acostumados nos romances; aqui os protagonistas não terminam juntos.

Essa antecipação também ocorre em relação aos eventos históricos:

A roubadora de livros foi trocar de roupa, vestiu seu uniforme da Juventude Hitlerista e, meia hora depois os dois saíram caminhando em direção à sede da BDM. De lá, as meninas seriam levadas em seus grupos ao centro da

cidade. Far-se-iam discursos. Uma fogueira seria acesa. Um livro seria furtado (Zusak, 2008, p. 78).

A antecipação sobre os discursos, a fogueira e um livro que seria roubado criam a expectativa sobre o segundo roubo de Liesel, um livro de fogo, roubo pelo qual ela correu o risco de ser vista, já que se tratava de um material considerado herético pelos nazistas.

3.2 O NARRADOR TESTEMUNHA

O narrador testemunha é aquele que conta a história na primeira pessoa, mas não é o protagonista. A Morte, em *A menina que roubava livros* (Zusak, 2008), narra na primeira pessoa, é onisciente – pois sabe tudo o que se passa com as personagens, seus pensamentos, sentimentos, alegrias e angústias – e também é uma testemunha da história dessas personagens e da Segunda Guerra Mundial, momento em que a história está sendo contada.

Na obra, a menina Liesel é a protagonista e a autora do livro resgatado dos escombros da guerra pela Morte, que, por sua vez, narra a história. Sem Liesel, essa história não existiria.

O narrador testemunha funciona como o narrador homodiegético, segundo a terminologia proposta por Genette (Reis; Lopes, 2002, p. 124):

[...] narrador homodiegético é a entidade que veicula informações advindas de sua própria experiência diegética; tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí as informações de que carece para construir o seu relato... por ter participado na história, não como protagonista, mas como figura cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central.

Ao analisarmos as definições de narrador testemunha e narrador homodiegético, percebemos que a narradora em questão pertence a esses dois tipos: ela testemunha a história e vivencia o mesmo momento histórico em que a menina conta sobre suas experiências; onipresente, a morte está em todos os lugares, o tempo todo, pois não há ninguém para substituí-la. Mesmo vivendo durante a guerra, a Morte tira das páginas escritas por Liesel a base da sua história; é por meio dessas páginas que ela relata esse momento histórico, não sem dar suas opiniões e revelar sua visão sobre o período. A menina é a mais importante aqui, mas a narradora tem posição de destaque e se solidariza com aqueles que passam pelos horrores da guerra.

A Morte acompanha o que está acontecendo, em alguns momentos mais próxima das personagens, em outros distante, porém consegue testemunhar essa história dando seu depoimento em relação àquilo que acompanha. Através de sua voz, ameaças e ironias, ela tenta convencer o leitor de que aquilo que narra é verdadeiro.

Apesar da tentativa de apenas relatar a história, mantendo-se imparcial, sem colocar seus sentimentos naquilo que conta, a Morte se aproxima das personagens e demonstra que, ainda que seja malvista pela humanidade, também tem sentimentos. Ao falar sobre Rudy Steiner, manifesta o que sente em relação a ele: “Ele mexe comigo, esse garoto. Sempre. É sua única desvantagem. Ele pisoteia meu coração. Ele me faz chorar” (Zusak, 2008, p. 371). A Morte fica mexida com o garoto e chora ao pensar nele, ou seja, ela não é tão monstruosa como a “pintam”. Para se descrever, ela faz uma intromissão:

Eu não carrego gadanha nem foice. Só uso um manto preto com capuz quando faz frio. E não tenho aquelas feições de caveira que vocês parecem gostar de me atribuir à distância. Quer saber a minha verdadeira aparência? Eu ajudo. Procure um espelho enquanto eu continuo (Zusak, 2008, p. 221).

Aqui, a narradora deixa claro que as descrições a seu respeito são um mito e que ela está muito próxima de ser humana. Basta nos olharmos no espelho: ela se parece conosco e está em todos os lugares. Morremos um pouco a cada dia, então ela tem a nossa face e pode ser qualquer um de nós, já que não sabemos em que momento deixaremos essa vida.

Como dito, a própria narradora se apresenta como testemunha e demonstra proximidade com aqueles sobre os quais relata:

Na verdade, sinto-me muito complacente comigo mesma neste momento, a lhe contar tudo a respeito de mim, mim, mim. Minhas viagens, o que eu vi em 1942 [...].
Certamente houve muitas rondas a fazer naquele ano, da Polônia à Rússia, à África, ida e volta. Talvez você argumente que eu faço a ronda em qualquer ano, mas às vezes a raça humana gosta de acelerar um pouquinho as coisas. Aumenta a produção de corpos e das almas que escapam. Umas tantas bombas costumam resolver a questão. Ou umas câmaras de gás, ou a conversinha de canhões distantes[...] passo a ver gente sem teto por toda parte. É comum eles virem atrás de mim quando vago pelas ruas das cidades violentadas. Imploram que eu os leve, sem perceber que já estou atarefada demais. “A sua hora chegará”, eu os convenço (Zusak, 2008, p. 221).

Mais uma vez observamos que a Morte narra em primeira pessoa, falando diretamente ao leitor, contando sobre seu trabalho e dificuldades em lidar com alguns humanos, aqueles que sobrevivem, mas imploram para deixar esse mundo por já não aguentarem mais.

O narrador em primeira pessoa é testemunha do que narra e faz um acerto de contas com seu passado. A menina faz o seu acerto ao descrever sua vida durante os anos de guerra; a Morte o faz ao contar o que vê e o quanto é injustiçada em relação a seu trabalho; ambas são testemunhas das tragédias que aconteceram durante a Segunda Guerra. Sobre esse tipo de narrativa, Fernandes (1996, p. 106) comenta:

O narrador em primeira pessoa é testemunha. Não só testemunha de seu tempo [...], mas testemunha de si mesmo. Ninguém lhe vai negar o direito de conhecimento interior. O narrador então passa a ter o papel de relator, mas um relator diferente, um relator de suas angústias. Alguns textos em primeira pessoa parecem relatos a seu psicanalista. Não porque o romance que escrevem se proponham a uma análise psicológica profunda, mas porque a expressão do “eu” é uma expressão carregada de emoção.

Tanto a menina, durante sua escrita, quanto a Morte, durante a narração da história e exposição das suas percepções em relação ao que está contando, mostram quem são, o que pensam e quais são seus pontos de vista sobre o que acontece com elas e as demais personagens. Elas sabem o que contam por estarem presentes no momento em que estão descrevendo, expondo suas angústias, sofrimentos e todas as demais emoções.

No narrador em primeira pessoa tudo está mediatizado por sua emocionalidade. A emocionalidade aqui usada é um conjunto de emoções e sentimentos misturados a uma reflexão intimista. O narrador em primeira pessoa não apenas procura a emoção do leitor, mas como tudo o que expõe passa pela corda tensa de sua emocionalidade [...] passa a ser um depoente de fatos externos, de acordo com a sua visão, e de fatos internos, de acordo com sua capacidade de autoanalisar-se [...] O narrador em primeira pessoa é em primeiro lugar testemunha de sua aventura psicológica para depois ser testemunha de seu tempo (Fernandes, 1996, p. 106-107).

A Morte usa sua emocionalidade ao dirigir-se diretamente aos leitores para se defender, argumentando que não é tão ruim quanto parece. Por meio da emocionalidade também traz reflexões sobre o momento histórico que narra: Por que acontecem as grandes guerras? As perseguições? As mortes? O preconceito?

A narradora expõe como recebe o que ocorre durante aquele período:

Muitos seres humanos.

Muitas cores.

São disparados dentro de mim. Torturam minha memória. Vejo-os em suas pilhas altas, todos trepados uns por cima dos outros. O ar parece feito de plástico, um horizonte como cola poente. Existem céus fabricados pelas

pessoas, perfurados e vazantes, e há nuvens macias, cor de carvão, que pulsam
 como corações negros.
 E depois.
 Vem a morte.
 Na superfície, imperturbável, resoluto.
 Por baixo, abatida, desatada, desfeita.
 Com toda a franqueza (e sei que agora estou reclamando demais), eu ainda
 estava me refazendo de Stalin, na Rússia. Da chamada segunda revolução —
 o assassinato de seu próprio povo.
 E então veio Hitler (Zusak, 2008, p. 222).

Todas as vezes que fala de si, a narradora mostra sua emocionalidade em relação ao que precisa suportar para realizar seu trabalho. Ela reconhece estar reclamando demais, no entanto lidar com as grandes revoluções e guerras não é fácil, nem mesmo para ela que está acostumada a ver a crueldade desses períodos.

Fernandes (1996) divide os narradores em primeira pessoa em quatro categorias. No romance *A menina que roubava livros*, a narradora se encaixa na terceira: “Narrador em primeira pessoa que são personagens dos romances e conseguem equilibrar a expressão de sua subjetividade com a descrição de ações, atos, paisagens e conflitos do mundo exterior” (Fernandes, 1996, p. 107-108).

Tanto Liesel, ao escrever sua história, quanto a Morte, ao narrar a história escrita pela menina, estão inseridas nessa terceira categoria. As duas são subjetivas, descrevem suas ações, o que fazem naquele momento, e o que sentem em relação ao que está acontecendo com elas e com o que está fora. O mundo exterior e os conflitos da Segunda Guerra as influenciam diretamente.

Esse tipo de narrador “passa a reviver aquilo que é narrado” (Fernandes, 1996, p. 108). Quando fazemos a leitura da obra, na atualidade, notamos que a forma como as ações são descritas nos transporta para aquele período, o que nos aproxima das dificuldades vividas pelas personagens: sofremos suas perdas, seja de liberdade ou de entes queridos. A questão da memória fica evidente nesse tipo de narração, ocorre uma rememoração do que foi vivido. Ao narrar, o narrador revive no agora o que viveu no passado.

A Morte, enquanto narradora, “tem uma fala comprometida com o passado [...] é um narrador que confessa [...] sempre fala para si mesmo [...] é sedutor, quer compreender, justificar, julgar, inocentar-se” (Fernandes, 1996, p. 117). Ela faz isso de forma constante no romance, justificando seu trabalho, procurando convencer o leitor de que é boa, apesar do que lhe foi dado como função.

As vozes no romance vão se alternar, ora quem conta é a menina, ora a Morte, em uma dupla narração: a do diário escrito do ponto de vista da menina, e a leitura que a Morte faz

desse diário, emitindo sua opinião sobre aquilo que lê. Temos aqui as duas narradoras emitindo suas opiniões de acordo com aquilo que viveram no período da guerra.

O teórico Fernandes (1996, p. 135-136) classifica o narrador em primeira pessoa como horizontal e com emoção:

A narração em primeira pessoa vai implicar um corte horizontal. O narrador olha os demais personagens através de um olhar que está no mesmo nível da observação. [...] Estando no mesmo nível dos outros personagens, o narrador em primeira pessoa é mais “humano” [...] Ele seleciona algumas partes daquilo que sabe – é o corte – e narra como quem olha nos olhos dos seus companheiros – é a horizontalidade. A horizontalidade nasce justamente da dimensão humana, da estatura igual [...].

O narrador em primeira pessoa é um narrador que tende muito mais ao instinto. É mais um analisando, um paciente, do que um analista [...] é o depoimento comprometido, emocional e apaixonado [...]. Emoção, assim, se aproxima do corte horizontal [...] O corte horizontal focaliza não apenas a altura dos olhos do narrador, mas também através da emotividade da memória [...] A memória da emoção é uma memória afetiva. Um inventário de sentimentos.

Como narradora, a Morte se coloca nesse lugar horizontal: não é melhor que os humanos, está vivendo o mesmo momento que eles, horroriza-se algumas vezes, mostra-se empática em outras, mas deixa claro que está cumprindo seu trabalho. Se ela não estivesse presente, quem o faria? Ou o que seria da humanidade sem aquela que recolhe as almas?

O colocar-se no lugar do outro é uma constante nas descrições da narradora. Ela se deixa emocionar com as histórias daqueles que está acompanhando, demonstra seus sentimentos inúmeras vezes, principalmente em momentos de horror:

Veio o verão.

Para a menina que roubava livros, tudo corria bem.

Para mim, o céu era da cor dos judeus.

Quando seus corpos acabavam de vasculhar a porta em busca de frestas, as almas subiam. Depois de suas unhas arranharem a madeira e, em alguns casos, ficarem cravadas nela, pela pura força do desespero, seus espíritos vinham em minha direção, para meus braços, e galgávamos as instalações daqueles chuveiros, escalávamos o telhado e subíamos para a largueza segura da eternidade. E continuavam a me alimentar. Minuto após minuto. Chuveiro após chuveiro.

Nunca me esquecerei do primeiro dia em Auschwitz, da primeira vez em Mauthausen. Nesse segundo local, com o correr do tempo, também passei a pegá-los no fundo do grande penhasco, onde suas fugas acabavam terrivelmente mal. Havia corpos quebrados e meigos corações mortos. Ainda assim, era melhor do que o gás. Alguns deles eu apanhava ainda a meio caminho da descida. Salvei você, pensava comigo mesma, segurando suas almas no ar, enquanto o resto de seu ser — suas carcaças físicas — despencava na terra. Eram todos leves, como cascas de nozes vazias. E um céu

enfumaçado nesses lugares. O cheiro fazia lembrar uma fornalha, mas ainda muito frio.

Estremeço ao recordar — ao tentar desrealizar aquilo.

Bafejo ar quente nas mãos, para aquecê-las.

Mas é difícil mantê-las aquecidas quando as almas ainda tiritam (Zusak, 2008, p. 250).

As descrições acima revelam como a Morte enxergava aqueles de quem recolheria as almas. Mesmo que de forma implícita, ao falar das unhas cravejadas na madeira, dos chuveiros de gás que matavam os prisioneiros, das valas em que os corpos eram jogados, da leveza dos corpos devido à má alimentação dos campos de concentração e da fumaça constante nos locais onde estavam instalados os fornos crematórios, a narradora se compadece daqueles que perderam a vida, mencionando que possuíam meigos corações e que estremece só de lembrar daquele período. Se para a Morte foi tão complicado tudo isso, imagine para os humanos que sofreram com as perseguições e tiveram suas vidas ceifadas pelos nazistas.

Essa memória afetiva trazida pela narradora desperta no leitor emoções e sentimentos em relação ao que ocorreu na vida real. Apesar de sabermos que ela nos conta de forma parcial, o leitor também se emociona com seu relato e se revolta com o que ocorreu nesse período, contado por seu intermédio.

A Morte, enquanto narradora testemunha da Segunda Guerra Mundial, deixa essa afetividade explícita ao narrar o livro da menina e como seu trabalho nesse período foi exaustivo. Não há dúvidas sobre quem narra a história e que a narração é feita na primeira pessoa. O tom que a Morte usa em suas palavras a aproxima do leitor, criando um grau de intimidade, fazendo com que simpatizemos com ela e passemos a vê-la com outros olhos.

4 HISTÓRIA E FICÇÃO

É impossível ler, discutir e escrever sobre a obra ficcional *A menina que roubava livros* sem tratar do contexto histórico em que o romance é narrado. A história da Segunda Guerra Mundial é abordada por estudiosos de diversas áreas, como história, geografia, sociologia, psicologia, literatura, entre outros, por ser um momento em que muitas arbitrariedades foram cometidas. Até hoje são descobertas novas histórias, relatos e testemunhos sobre esse período, ou seja, é um tema que não se esgota.

O holocausto ficou conhecido no mundo todo devido à perseguição às minorias, principalmente aos judeus que foram os mais afetados. A ascensão de Hitler ao poder culminou em mais de seis milhões de mortes e até hoje nos perguntamos como a sociedade deixou isso acontecer e por que se manteve pacífica diante de tudo. Para tentar responder a essas questões, é necessário que se volte à história da sociedade europeia para entender um pouco sobre essas perseguições.

O antissemitismo acontecia na Europa desde o final do século XIX. O sionismo foi, então, um movimento criado para combater as ideias antissemitas e estabelecer um estado judeu independente. No entanto o que seria uma solução, acabou causando grandes problemas, pois o local escolhido para a criação do estado judeu, a região da Palestina, já era ocupado e considerado sagrado também para os muçulmanos e cristãos. A instituição desse estado gerou, e gera até hoje, grandes conflitos pelo controle da região.

Após a Primeira Guerra Mundial e a destruição da Alemanha, o país se viu “perdido”, sem saber qual sistema político seguir, como se reerguer e retomar sua dignidade. Durante os primeiros anos do pós-guerra, muito se discutiu sobre qual seria a melhor forma de governo. Intelectuais defendiam que a violência era a melhor forma de controlar as massas e para isso precisavam de um líder que propagasse essas ideias e fosse seguido por todos.

Em meio ao caos, Hitler surgiu com um discurso que agradava, que trazia para os alemães uma esperança de recuperação e orgulho da nação. Com uma vida pessoal um pouco complicada, Hitler se alistou como voluntário no Exército Bávaro em 1914. Por ser muito disciplinado, recebeu condecorações por sua participação, mas nunca se mostrou um líder. Foi com a ajuda de Goebbels, Ministro da Propaganda, que Hitler se destacou após a ascensão do partido nazista.

Após chegar ao poder, ele passou a viver o esplendor e acumulou enorme fortuna, enquanto a máquina de propaganda de Goebbels o apresentava

vivendo com austeridade, devotando todas as suas energias para o bem-estar do povo alemão [...] Hitler foi produto das massas e da propaganda de Goebbels. Não era nada sem um público e tinha habilidade impressionante para avaliar seus ouvintes e lhes falar exatamente o que queriam ouvir [...] A propaganda era parte integrante da ideologia de Hitler (Kitchen, 2009, p. 49).

Com a linguagem e a propaganda, o *Führer* buscava retomar o orgulho do povo, mas para isso era preciso encontrar um culpado, alguém ou alguma parte da população que fosse responsável por tudo o que acontecera com a Alemanha. Os judeus foram “os escolhidos”. Aqueles que não tinham nenhuma ligação com os alemães foram perseguidos, presos, levados para campos de concentração, obrigados a realizar trabalhos forçados. Safaram-se desse destino as pessoas consideradas “de sorte”, que tinham algum vínculo com os alemães, contraídos pelo casamento.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o exército de Hitler usava “as estrelas amarelas” para identificar os judeus e, assim, ser mais fácil persegui-los e exterminá-los. No período em que os nazistas declararam boicote às lojas de judeus, estrelas amarelas foram pintadas nas janelas desses estabelecimentos.

Ao tratar esse tema, Victor Klemperer (2009), no livro *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*, dedica o capítulo 25, intitulado “A estrela”, a esse momento marcante, que foi ainda mais negativo na vida dos judeus:

Hoje volto a fazer a pergunta que já fiz uma centena de vezes, a mim e aos outros: qual foi o pior dia para os judeus nos doze anos do inferno nazista? Todos damos a mesma resposta: 19 de setembro de 1941. Nesse dia tornou-se obrigatório o uso da estrela de Davi, de seis pontas, aquele trapo amarelo até hoje simboliza peste e quarentena. Na Idade Média, era a cor que identificava os judeus, mas é também a cor da inveja, da bile com sangue, a cor do mal a ser evitado; esse trapo traz a inscrição em negro: JUDEU [...] Na rua deparo-me com um senhor que vem ao meu encontro com ar sério, bonachão, conduzindo um menininho cuidadosamente pela mão. Para a um passo de mim: “Olhe bem para ele, Horst! É o culpado de tudo” (Klemperer, 2009, p. 261).

Ainda sobre o uso das estrelas amarelas, ele continua:

Um dos recursos mais eficazes para provocar o isolamento foi identificar os judeus pelo nome. Quem não tinha um nome explicitamente judaico [...] teve de acrescentar Israel ou Sara ao próprio nome. Se fosse casado com uma mulher ariana e não tivesse filhos com ela, tinha de usar a estrela amarela. A palavra *Jude* (Judeu) dentro da estrela, [...] na porta do nosso quarto havia duas placas. Sob a minha placa constava a estrela e sob a da minha mulher a palavra “ariana” (Klemperer, 2009, p. 142).

As citações trazem o depoimento de um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, que vivenciou o terror social do fanatismo nazista e foi apontado nas ruas como culpado pelas perdas sofridas pelo país na Primeira Guerra, bem como pelas dificuldades enfrentadas na reconstrução da Alemanha. Como dito antes, alguém precisava ser apontado como culpado.

Após a obrigatoriedade do uso das estrelas amarelas e as perseguições declaradas aos judeus, a vida dessa população se tornou ainda mais difícil. Conhecidos fingiam que não os conheciam, evitavam contato e passaram a tratá-los como se realmente fossem uma “espécie de doença”. Os livros e as obras de cinema mostram muito bem esse aspecto.

O escritor Victor Klemperer foi um filólogo alemão que se especializou em literatura francesa e em 1920 obteve a cátedra em letras latinas na Universidade de Dresden. Exerceu sua função até setembro de 1935, quando perdeu seu cargo devido às perseguições nazistas. Só continuou na Alemanha por ser casado com uma ariana, o que era chamado de casamento misto. Sua esposa não o deixou e ele, apesar de perder tudo o que possuía, conseguiu sair com vida desse cenário tenebroso causado pelos antissemitas. A história do escritor mostra como uma pessoa que tinha formação, emprego e contribuía com a educação do país perdeu todos os seus direitos e passou a ser desconsiderado socialmente.

A obra de Markus Zusak (2008) se inicia com a descrição das três vezes em que a Morte encontrou a menina Liesel. Para cada uma dessas vezes, ela associa uma cor – vermelho, branco e preto –, sugerindo as cores da bandeira nazista. Como já mencionado, nas orelhas do livro há a indicação dos anos em que a história se passa, entre 1939 e 1943, e no decorrer da obra os elementos que indicam a Segunda Guerra e o holocausto vão aparecendo.

A descrição das características de Liesel nos remete à questão racial que era pregada na Alemanha nazista: “[...] seus olhos eram perigosos. Castanho-escuros. Ninguém gostaria de ter olhos castanho-escuros na Alemanha daquela época” (Zusak, 2008, p. 24). E continua: “Dez anos significavam a Juventude Hitlerista. Juventude Hitlerista significa um uniformezinho marrom. Sendo menina, Liesel foi matriculada no que era chamado de BDM, Liga das Meninas Alemãs” (Zusak, 2008, p. 31).

A Juventude Hitlerista foi um movimento juvenil implantado pelos nazistas voltado para jovens entre 10 e 18 anos. Os meninos recebiam preparação para a guerra e as meninas, para um futuro como mães e donas de casa. Ao longo da década de 1930, os espaços educacionais foram sendo substituídos e os nazistas tinham influência e controle sobre os jovens.

A “rua das estrelas amarelas”, referência à estrela de Davi que os judeus foram obrigados a usar colada no peito, também aparece na obra aqui estudada:

Era um lugar em que ninguém queria ficar e para o qual ninguém queria olhar, mas quase todos o faziam. No formato de um longo braço quebrado, a rua continha várias casas com janelas destroçadas e paredes machucadas. Nas portas estava pintada a estrela-de-davi. Essas casas eram quase como leprosos. No mínimo, eram pústulas infeccionadas no tecido alemão ferido (Zusak, 2008, p. 38).

A citação mostra que o autor tem conhecimento do que aconteceu, estudou e ouviu depoimentos sobre os fatos ocorridos na Segunda Guerra Mundial e consegue conectar em sua obra realidade e ficção. A leitura permite uma aproximação com a realidade daqueles tempos.

Antes do início da Segunda Guerra e durante os anos de conflitos, entre 1939 e 1945, os judeus foram perseguidos, presos, mortos, perderam todos os direitos e pertences, suas casas, seus familiares, sua identidade. “Nos meses finais da guerra, início de 1945, com o avanço das tropas soviéticas pelo Leste Europeu, a ordem dos nazistas era não deixar provas ou suprimentos, devido a isso muitos vilarejos e cidades foram totalmente destruídos” (Der Kommandant POR, 2024).

Os meses finais da guerra trazem fatos importantes sobre os líderes nazistas. Segundo relatos dos soldados, Hitler se apresentava cada vez mais histérico. Em 29 de abril de 1945, casou-se em seu *bunker* com Eva Braun e no dia 30 de abril, após uma explosão ouvida no *bunker*, Hitler foi encontrado morto com um tiro na têmpora e Eva, com uma cápsula de cianeto. As tropas da SS (*Schutzstaffel*: Esquadrões de Proteção) receberam ordens para queimar os corpos. Após isso, os corpos nunca foram encontrados.

O Ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels, também escolheu o caminho do suicídio após perceber que a guerra havia acabado para os alemães. Ele e sua esposa Magda envenenaram os seis filhos com cápsulas de cianeto, depois subiram as escadas do *bunker*, “Magda pretendia tomar o veneno no momento antes do seu marido atirar nela. E sabia que Goebbels morderia sua própria cápsula no mesmo instante em que atirasse em si mesmo. Depois do momento de espera, os tiros vieram uma primeira vez, depois uma segunda vez” (Manvell; Fraenkel, 2012, p. 322).

Nos meses finais da guerra, as cidades alemãs eram habitadas, em sua maioria, por mulheres e crianças, já que os homens haviam sido recrutados para os combates. Muitas dessas mulheres perderam suas casas devido aos bombardeios e havia escassez de comida, água e serviços básicos. Além disso, muitas sofreram abuso sexual por parte dos soldados soviéticos.

As cidades de Dresden, Hamburgo e Berlim sofreram diversos bombardeios, com muitos mortos, pois já não havia mais resistência das tropas alemãs. Dresden tornou-se uma cidade fantasma.

Nesse período, muitos alemães se deslocaram tentando fugir das tropas soviéticas; quando alcançados por elas, tinham seus bens apreendidos ou destruídos e muitos foram mortos. Além disso, filas de refugiados eram bombardeadas por aviões que voavam baixo, matando ainda mais pessoas. Muitos refugiados morreram devido à fome e ao frio, outros viraram prisioneiros de guerra e muitos soldados alemães foram enviados à Sibéria, não resistindo às condições extremas do lugar. No total, a União Soviética matou quase um milhão de nazistas capturados, todas essas mortes aconteciam porque os soldados soviéticos não eram punidos e, muitas vezes, eram até incentivados a tratar com brutalidade os prisioneiros alemães.

Em fevereiro de 1945, os principais líderes aliados se reuniram em Yalta, na Crimeia, para deliberar sobre o futuro dos prisioneiros de guerra. Foi nessa conferência que começaram a ser definidos os julgamentos de Nuremberg. Com a nomeação de juízes dos quatro países aliados – França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética –, formou-se o Tribunal Militar Internacional (IMT). Os julgamentos duraram quase um ano e marcaram o direito penal internacional, com quatro acusações principais: a) conspiração para travar guerra agressiva; b) crimes contra a paz; c) crimes de guerra; e d) crimes contra a humanidade.

Muitos prisioneiros de guerra foram levados ou permaneceram na União Soviética para ajudar na reconstrução do país após os danos provocados pelo conflito. No entanto, a escassez de alimentos, consequência direta da guerra, afetava a todos. Os prisioneiros considerados não aptos ao trabalho, como idosos e doentes, foram aos poucos sendo libertados.

A cidade de Berlim se tornou símbolo da derrota alemã, sendo dividida em quatro partes pelos aliados. A Alemanha perdeu os territórios conquistados e um quarto do seu território oficial. Além disso, foi obrigada a pagar indenizações ao Reino Unido, França e União Soviética, o que foi extremamente difícil diante da destruição do país. Os aliados também promoveram uma campanha de desarmamento industrial. Ao final, a população civil que havia apoiado o regime nazista se viu abandonada e enganada por um partido que prometeu muito, cometeu brutalidades contra outros seres humanos e, no fim, a deixou sofrendo como aqueles que foram perseguidos e mortos injustamente.

5 METALINGUAGEM

Ao iniciarmos os estudos sobre a metalinguagem, é importante atentarmos ao que Samira Chalhub (1998) diz: “A metalinguagem é linguagem sobre linguagem, ocorre quando um texto fala de outro ou refere-se a outro”. Apenas com essas duas frases conseguimos olhar para a obra em estudo e afirmar que a metalinguagem ocorre em *A menina que roubava livros* (Zusak, 2008).

No primeiro capítulo deste trabalho foi discutida a importância do livro enquanto objeto que possibilita ao ser humano se tornar melhor, adquirir aprendizados, conseguir olhar para a sociedade de forma mais compreensiva. Abordamos, ainda, como a literatura pode salvar vidas, especialmente em momentos críticos da humanidade, quando é necessário encontrar meios de escapar de uma realidade que, muitas vezes, se apresenta de forma cruel.

Durante o regime nazista, o livro escrito por Hitler, *Minha luta*, foi uma obra muito divulgada, lida e seguida por aqueles que concordavam com suas ideias nacionalistas. A obra pregava a destruição do povo judeu, era anticomunista, antimarxista e xenofóbica.

No romance *A menina que roubava livros* (Zusak, 2008), o judeu Max Vandenburg teve a sorte de ter um oficial nazista como amigo. Walter Kugler tornou-se amigo de Max quando lutavam em um terreno baldio durante a adolescência. Com a ascensão do regime nazista, o trabalho de Walter em uma gráfica e a luta de Max pela sobrevivência, os dois se viam esporadicamente. Após a noite dos cristais, as perseguições pioraram e Walter, agora um nazista de uniforme, aparece para levar Max para um esconderijo, um depósito vazio onde Walter havia trabalhado. Antes de sair, a mãe entrega um pedaço de papel a Max com o endereço: “UM NOME, UM ENDEREÇO. Hans Hubermann, Rua Himmel, 33, Molching” (Zusak, 2008, p. 137).

Com o cerco aos judeus se fechando ainda mais, no início de 1939 os amigos decidem que seria preciso mudar de esconderijo. Para ter certeza de que daria certo, Walter vai até o endereço indicado pela mãe de Max e encontra Hans, que promete enviar ajuda quando possível. “Em meados de maio de 1940, chegou *Mein Kampf*, com uma chave presa com fita adesiva, à parte interna da capa” (Zusak, 2008, p. 138).

Na obra de ficção aqui analisada, é o livro *Minha luta* que salva a vida do judeu. Max viaja com a obra exaltada pelos nazistas, pois quem fosse “pego” com ela era visto como apoiador de Hitler. Ele a carrega em suas viagens de trem para conseguir chegar à rua Himmel e se esconder na casa dos Hubermann. Nos momentos em que a família se reunia para fazer leituras, Max também lê o livro:

Ocasionalmente o rapaz levava o exemplar de *Mein Kampf* e o lia junto às chamas, enfurecido com o conteúdo. Na terceira vez que o levou, Liesel enfim tomou coragem para fazer a pergunta.

— Ele é... bom?

Max ergueu os olhos das páginas, fechou os punhos e tornou a abrir os dedos. Afastando a raiva, sorriu para a menina. Levantou a franja emplumada e deixou-a cair nos olhos.

— É o melhor livro que existe — disse. Olhou para Hans, depois novamente para Liesel. — Salvou a minha vida. (Zusak, 2008, p. 153).

Após sua chegada, Max se esconde no porão e não vê mais utilidade no livro escrito por Hitler, já que nele era pregada a perseguição aos judeus.

O tempo no porão passava devagar, eram muitos os dias sem ver a luz e tendo que lidar com o frio. Ao aproximar-se o aniversário de Liesel, sem recursos e sabendo que ela gostava de ler, Max decide pintar as páginas do livro *Minha luta*. Para isso, ele usa as tintas brancas que Hans usava em seu trabalho como pintor. Depois de a tinta secar, Max cria duas histórias para Liesel, com sua escrita e alguns desenhos: “O vigiador” e “A sacudidora de palavras”. A narradora descreve a maneira como Max compôs os livros:

Nessa semana, Max recortou uma coletânea de páginas de *Mein Kampf* e as pintou de branco. Depois, pendurou-as com pregadores numa corda, de uma ponta à outra do porão. Quando estavam todas secas, começou a parte difícil. Ele tinha instrução suficiente para se arranjar, mas com certeza não era escritor nem pintor de quadros. Apesar disso, formulou as palavras na cabeça até conseguir contá-las sem erro. Só então, no papel empolado e arqueado pela pressão da tinta ao secar, começou a escrever a história. O que fez com um pincelzinho preto. O Vigiador (Zusak, 2008, p. 157).

O conteúdo criado nas novas páginas do livro refere-se ao tempo em que Max ficou desacordado por estar muito doente. Nesse período, Liesel o visitava todos os dias e lia livros ou jornais para ele. Na sua obra, Max faz um resumo de sua vida, dizendo que nunca gostou da sensação de ser vigiado: quando era pequeno, o pai que foi embora o vigiava; na juventude, quando perdia as lutas, o outro lutador o vigiava de cima; quando precisou se esconder em um depósito, devido às perseguições nazistas, tinha medo de dormir, mas sempre que acordava percebia que seu vigiador era um amigo; após chegar à casa dos Hubermann e adoecer, dormiu por três dias e, ao acordar, descobriu que quem o vigiava não era um homem, e sim uma menina com quem compartilhava várias coisas em comum (Anexo A).

Na citação anterior, fica comprovado o uso da metalinguagem. A linguagem nazista é apagada para que se crie uma linguagem afetiva entre as personagens, novas páginas são

escritas para guardarem a memória de coisas boas e positivas, uma nova história é elaborada. Nesse caso, apaga-se literalmente a linguagem usada como forma de perseguição e preconceito e cria-se uma nova, com esperança de dias melhores, como escreve o autor: “Lá estavam as páginas apagadas de *Mein Kampf*, amordaçadas, sufocando sob a tinta” (Zusak, 2008, p. 71).

A nova obra é deixada ao lado da cama de Liesel como presente de aniversário. Após lê-la, Liesel vai até o porão para agradecer a Max, mas ele está dormindo:

Desceu a escada do porão. Viu uma fotografia emoldurada imaginária infiltrar-se na parede — um segredo silenciosamente risonho.

Embora não passasse de alguns metros, foi uma longa caminhada até as mantas de proteção contra respingos e o sortimento de latas de tinta que escudavam Max Vandenburg. Ela afastou as mantas mais próximas da parede, até haver um pequeno corredor por onde olhar.

A primeira parte que viu dele foi o ombro e, pela fenda estreita, devagarzinho, dolorosamente, enfiou a mão até apoiá-la nele. A roupa estava fria. Max não acordou.

A menina sentiu a respiração e o ombro dele, movendo-se bem de leve, para cima e para baixo. Observou-o por algum tempo. Depois, sentou-se e se reclinou.

O ar sonolento parecia tê-la seguido.

As palavras rabiscadas dos exercícios expunham-se magnificamente na parede ao lado da escada, irregulares, infantis e doces. Ficaram olhando enquanto os dois dormiam, o judeu escondido e a menina, mão e ombro. Os dois respiravam. Pulmões alemães e judeus. Junto à parede ficou O Vigador, entorpecido e satisfeito, como um belo anseio aos pés de Liesel Meminger. (Zusak, 2008, p. 171-172).

A descrição mostra o ambiente do porão, a respiração do judeu e da alemã, a amizade entre eles e a certeza de que nem todos apoiavam o regime nazista.

A leitura de linguagens e metalinguagens exige certo repertório dos leitores, que só conseguirão compreendê-las se souberem do que estão tratando. A experiência de vida contribui para a interpretação dos textos. Quando falamos, escrevemos ou lemos, partimos de um lugar de conhecimento – de saberes que já existem, da bagagem que carregamos. No caso em questão, o leitor precisa ter algum conhecimento histórico: saber do que trata o livro *Minha luta*, por que ele é problemático e por que é aceitável que sua história seja apagada, sem que isso gere revolta contra quem o destrói, apesar de o livro, em geral, ser um objeto importante para a aquisição de cultura e conhecimento.

Na verdade, apagar o livro é uma metáfora para apagar aquilo que o nazismo prega: a defesa da violência, a perseguição aos judeus, a ideia de que apenas a raça ariana deveria viver no território alemão, o racismo de forma geral, entre outros crimes. Se pudessem, quantos

judeus não teriam “apagado” o nazismo antes mesmo de a perseguição começar? Quantos não escolheriam ter de volta os anos de paz, em vez dos anos de caos total?

No caso dos dois livros criados, falamos de uma linguagem criada sobre outra, ou seja,

[...] linguagem da linguagem (tomando-se linguagem como um sistema de signos organizado) é metalinguagem – uma leitura relacional, isto é, mantém relações de pertença porque implica sistemas de signos de um mesmo conjunto onde as referências apontam para si próprias, e permite, também, estruturar explicativamente a descrição de um objeto. A extensão do conceito de metalinguagem liga-se, portanto, à ideia de leitura relacional, equação, referências recíprocas de um sistema de signos, de linguagem (Chalhoub, 1998, p. 8).

Assim, podemos perceber a relação entre os livros, o que existia e os que foram criados depois sobre ele. Um texto que se transformou em outro, um objeto ressignificado, um texto que se escreveu sobre outro texto. Para transmitir essa nova mensagem, é preciso que se respeitem as regras de comunicação entre emissor e receptor e, ainda, que a mensagem seja passada sem ruídos. A criação de uma nova obra exige, nesse caso, que a anterior seja apagada, para que o texto se organize de forma nova, com um contexto mais leve, valorizando a amizade e o cuidado, e deixando para trás a violência e a perseguição.

Além dos escritos de Max, ele também possuía um caderno de desenhos onde expressava suas visões de mundo. Em um dos dias em que estavam no porão, Liesel percebe que Max adormeceu. Ela, então, abre seu caderno, e o que encontra não é agradável (Anexo B). Havia um desenho de Hitler em um palco, fazendo a saudação nazista. No balão de sua fala, há notas musicais, e o público o acompanha com a mesma saudação. A legenda dessa imagem diz: “Não o *Führer* – o maestro!” (Zusak, 2008, p. 247). Aqui há uma crítica à população que via Hitler como um maestro, o dono da verdade, e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o uso da linguagem que o *Führer* utilizava para encantar o povo alemão, evidenciando seu poder de persuasão.

A segunda imagem (Anexo B) apresenta um céu em que o sol é a bandeira nazista, há um casal de mãos dadas e a seguinte pergunta em balão: “Não está um dia lindo?...” (Zusak, 2008, p. 287). A grande questão está no restante da imagem: o casal está em cima de uma pilha de corpos. Quando os nazistas não conseguiam incinerar todos os corpos, devido ao grande número de mortos, eles eram jogados em valas comuns.

A terceira parte metalinguística é a história criada por Max, “A sacudidora de palavras” (Anexo C), em seu caderno de desenhos, deixado como presente para Liesel antes de

sua partida. Nele havia várias histórias de sua família, de quando ficou escondido no depósito em Stuttgart antes de ir para a casa que o acolheu e algumas passagens das histórias que Liesel lhe contava.

O conto criado por Max aborda justamente o momento vivido pelas personagens do romance de Zusak (2008) e as estratégias de Hitler para utilizar as palavras na disseminação de suas ideias. Usando a indústria da propaganda dia e noite, o ditador conseguiu implantar sua ideologia no povo alemão por meio de palavras e símbolos. Em sua história, Max usa metáforas para explicar o que acontecia com a sociedade alemã. Como se estivessem em uma linha de produção, as pessoas passam por uma esteira, ganhando palavras e símbolos, e ficam felizes com isso, como se estivessem hipnotizadas. O país é representado como uma floresta, e os moradores sobem em árvores cheias de palavras para derrubá-las sobre os outros, eram os “sacudidores de palavras”. “[...] um desses sacudidores era uma menina magricela. Ela era famosa como a melhor sacudidora de palavras da sua região, porque sabia o quanto uma pessoa podia ficar impotente SEM as palavras” (Zusak, 2008, p. 387). Liesel aparece aqui por valorizar profundamente as palavras e os livros.

A sacudidora de palavras encontra um morador “que era desprezado por sua pátria”. Após ouvir sua história, ela deixa cair uma lágrima que se torna uma semente. A sacudidora a planta e rega todos os dias. A semente se torna uma árvore gigante, símbolo da amizade. Como fugia do padrão, Hitler tenta cortá-la, mas para impedir que isso aconteça, a sacudidora de palavras sobe na árvore. Apesar dos esforços do *Führer*, o tronco não sofre qualquer dano, mesmo com os soldados se revezando para tentar derrubá-la. Até que um novo machadeiro chega, mas ao invés de tentar derrubar a árvore, ele a escala e reencontra a sacudidora de palavras. Depois de conversarem, descem e, então, a árvore começa a cair.

O conto apresenta a força da amizade, o quanto ser real e verdadeiro é importante em um período em que tantas injustiças estão acontecendo. Os dois amigos retratados no conto são Liesel e Max, que constroem uma amizade verdadeira e se ajudam nesse período tão difícil pelo qual estão passando.

A viagem proporcionada pela leitura se transforma. A obra anterior, *Minha luta*, não permitiria uma jornada tranquila através das palavras, mas a nova criação traz essa ressignificação, com desenhos feitos à mão e uma escrita delicada, aproximando o leitor do escritor. Essa nova história traz mistérios que fazem com que o leitor(a) queira conhecer o fim. É importante ressaltar que a arte da narrativa sempre se renova ao combinar as palavras de formas inovadoras, criar sentidos e apresentar novas formas de linguagem.

6 LITERATURA E MEMÓRIA

Shoah é o termo usado para descrever a história da perseguição ao povo judaico. Através do relato dos sobreviventes e daqueles que participaram desse momento histórico, conseguimos ter uma visão do que foram os campos de concentração, do que os prisioneiros passaram, de como eram suas vidas com a restrição alimentar, de água, de descanso, uma vida sem dignidade.

O pós-guerra trouxe a difusão de uma nova literatura, a literatura de testemunho. Entre outros momentos históricos, essa literatura aborda o que aconteceu nos anos em que os nazistas ascenderam ao poder, a perseguição e a prisão dos judeus nos campos de concentração, o tratamento que recebiam, o que aconteceu após o término da guerra e as dificuldades enfrentadas para retomarem a vida.

Em seu texto, “O testemunho em três vozes: *testis*, *superstes* e *arbiter*”, Augusto Sarmiento-Pantoja (2019) retoma os conceitos de *testis* e *superstes*, termos definidos a partir dos estudos de Émile Benveniste (1969 *apud* Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 6), e propõe um novo conceito: *arbiter*. Os três conceitos dizem respeito aos tipos de narradores que encontramos na literatura de testemunho.

O conceito do narrador *superstes* fala sobre os sobreviventes, é o narrador em primeira pessoa, “[...] aquele que viveu e testemunha sua própria experiência” (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 5). Ao usar definições sobre o testemunho tiradas do dicionário, o autor discute a

[...] ação testemunhal, ou seja, a narração, o testemunho enquanto materialidade, enquanto relato daquele aquele que é o primeiro a relatar; o que viveu a experiência e testemunha a partir da imersão nessa experiência e desse modo dá seu depoimento, chamado por Benveniste (1969) de *superstes*, o que sobreviveu (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 6).

O conceito de *superstes* deixa claro que esse tipo se trata daquele narrador que passou pela experiência do campo de concentração, que sofreu todas as restrições por estar preso naquele lugar, mas que conseguiu sobreviver para contar. Escritores como Primo Levi e Edith Eger são narradores *superstes*, pois contam aquilo que viveram nos campos de concentração e como conseguiram escapar com vida.

O testemunho *testis* diz respeito ao narrador em terceira pessoa, “[...] aquele que viu e testemunhou a cena dolorosa” (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 5), participou do momento histórico, viu acontecer com o outro e conta sobre isso. É um testemunho que acontece

centrado na figura daquele que vê e presencia a ação. Aquele que viu; aquele que é a testemunha ocular tem também a chancela de dar o testemunho. Essa forma de testemunho se aproxima ao que Benveniste chama de *testis*, o terceiro, o que se propõe a testemunhar na condição de espectador. A última acepção de *testis* é no mínimo curiosa, pois se encontra no plural, quando as anteriores se referiam apenas ao singular, uma testemunha, esta terceira acepção nos traz a ideia do compartilhamento da ação testemunhal, fazê-los não mais segundo uma individualidade, mas em nome de uma pluralidade de vozes (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 6).

O testemunho *testis* acontece por meio daqueles que presenciaram o momento relatado, que sabem o que aconteceu, mas não experienciaram o horror do campo de concentração. Esse tipo de narração aparece no livro *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*, do escritor Victor Klemperer (2009). Nele, o autor descreve as perseguições nazistas e conta como a linguagem foi usada para convencer o povo alemão de que os judeus eram os culpados pelas dificuldades alemãs e a perda dos direitos civis, inclusive os dele que, enquanto professor universitário, perdeu sua cadeira por ser judeu. Apesar disso, Klemperer não foi deportado para os campos de concentração por estar casado com uma ariana.

O terceiro tipo de testemunho, o proposto por Sarmiento-Pantoja (2019, p. 5), é o *arbiter*, na segunda pessoa,

[...] que se configura na narração realizada por meio da recuperação do testemunho ouvido [...]. Compreendemos que o testemunho *arbiter* (segundo), daquele que ouviu e arbitra o que e como narrar, deve ser validado como parte de uma tríade testemunhal, já que se encontra imiscuído às outras formas de testemunho, pois a identificamos em narradores *testis* e *superstes*, ao descrever experiências de outros a ele contada. Essa categoria de testemunho também se apresenta no que chamamos de narrativa de segunda geração, dos filhos de sobreviventes, que na maioria dos casos narram por meio da reconstrução testemunhal das experiências de outros, ou dos testemunhos de outros, inclusive em relação à sua própria experiência.

Esse tipo de testemunho, como descreve Sarmiento-Pantoja (2019), é feito por quem não vivenciou diretamente os acontecimentos e, por isso, não pode ser considerado testemunha ocular ou sobrevivente. O testemunho *arbiter* é produzido por aqueles que ouviram os relatos de forma próxima – por serem filhos ou parentes de sobreviventes –, estudaram e pesquisaram sobre o período, tornando-se capazes de narrar o que escutaram e compreenderam. Sobre o testemunho *arbiter*, Sarmiento-Pantoja (2019, p. 13-14) comenta que a narração

[...] *arbiter* representa a figura da testemunha que ouve e julga, sem ter participado daquela experiência. Em suma, é o juiz que vai analisar de fora o fato sem envolvimento direto com a cena e por isso sua presença não seria notada. Nesse sentido, o *arbiter*, o árbitro, o juiz, na condição de testemunha (auricular) conhece o fato somente graças aos testemunhos primários do que vê ou vive. Podemos dizer que aqui constrói-se diante do narrar um trabalho de ajuizamento, um *arbiter*. Por se encontrar distante dos fatos, esse narrador tem o poder de discernir – e decidir – o que deve ou não ser considerado na cena testemunhal, realizando um trabalho de seleção mais evidente. De certa forma esse narrador precisa fazer o julgamento do que ouviu, para que assim possa transformar essas apreensões em linguagem, em testemunho.

Fica claro com essa definição que o narrador *arbiter* faz um recorte daquilo que ouve para, então, falar e escrever a esse respeito. Como qualquer outro tipo de narrador na literatura, ele decide o que quer contar e como contar.

Pesquisas sobre o testemunho de sobreviventes do holocausto indicam que falar sobre o que foi vivido durante o período de isolamento nos campos de concentração faz parte da sobrevivência. É preciso contar o que ocorreu, o que foi sentido, os medos, as dificuldades; então relatar passa a funcionar como um mecanismo de sobrevivência. Por meio do relato é rememorado o que se viveu e, aos poucos, o trauma é ressignificado, as dores que ainda se sente podem se tornar suportáveis. Sobre isso, Sarmiento-Pantoja (2019, p. 11) escreve:

Em geral, a narração do sobrevivente o ajuda a se sentir menos culpado por estar vivo e testemunhar, acaba sendo a melhor forma de manter a sua integridade. Por isso o narrador *superste* sabe o quanto é importante narrar, já que sua vida está intimamente ligada à experiência que viveu e que a experiência se encontra marcada pela memória do sobrevivente.

Como mencionado, o sobrevivente se sente culpado por ter sobrevivido, perguntando-se por que ele e não os outros. Como forma de diminuir essa culpa, o sobrevivente conta o que ele e os demais passaram, ajudando a manter viva a memória daqueles que se foram.

São muitas as obras que tratam da memória do holocausto, sejam elas de ficção, baseadas em fatos ou, ainda, misturando realidade e ficção. Algumas delas tornaram-se muito conhecidas, como *O diário de Anne Frank*, *O menino do pijama listrado*, *A bailarina de Auschwitz*, *A menina que roubava livros*, *Eu sobrevivi ao holocausto*, entre outras. Além dos livros, obras de cinema também são conhecidas por tratar do tema e preservar essa memória histórica, como *A lista de Schindler*, *A vida é bela*, o documentário *Shoah* entre outros.

Quando a memória do holocausto vem à tona, deparamo-nos com um contexto, no mínimo, doloroso. Os milhões de mortos deixados pela loucura política na busca pelo poder revelam uma época em que homens guerrearam e mataram inúmeros inocentes.

Apesar de o nazismo ser considerado um evento extraordinário e arbitrário, grande parte da população ainda não tem noção de tudo o que aconteceu, por isso é necessário que a sociedade contemporânea relembra e discuta o tema. A fragilidade da humanidade foi posta em evidência diante do que ocorreu. Trazer essas discussões para debate possibilita reflexões sociais profundas, podendo evitar que eventos como esse não se repitam.

Ao pesquisar e ter acesso aos relatos dos sobreviventes do holocausto é impossível não se emocionar com seus testemunhos, com as palavras daqueles que tiveram a morte diante dos olhos, os sonhos destruídos, e que foram separados de seus familiares, chegando, em muitos casos, a se perguntar: “Por que nasci judeu”?

Os testemunhos mostram o sentimento de solidão e desamparo. O “estar no mundo” nessas condições – longe de qualquer esperança de uma vida digna, em tempos em que as pessoas eram mortas sem ter um porquê, escolhidas aleatoriamente para ir para as câmaras de gás – não teria sentido. Esses tormentos são carregados para o resto da vida, impossíveis de serem apagados, pois não é possível excluir o vivido da mente. No entanto, para quem vive hoje essas lembranças são inimagináveis, e os sobreviventes recordam em nome daqueles que se foram, que não puderam estar aqui para contar o que viram. Eles ainda são lembrados, mas em algum momento poderão ser deixados no passado:

Penso que quando o último sobrevivente morrer e não estiver mais aqui, toda essa gente encontrará descanso e paz. Os seis milhões rapidamente terão paz porque ainda não estão em paz porque eles sabem que quando não estivermos mais aqui teremos dado nossa mensagem. Os judeus devem continuar e então encontrarão descanso (Hellmuth Szprycer, *Sobreviventes* [...], 1996).

Todos esses horrores devem ser constantemente recordados para que a sociedade aprenda a ter compreensão e tolerância com o que é diferente e para que se dê valor à vida, que deve ser tratada com respeito e não como um material sem valor.

O holocausto ainda hoje é discutido por muitos intelectuais, estudiosos, sobreviventes e familiares daqueles que se foram. Muitos já não têm a chance de estar aqui para contar o que aconteceu, mas têm sua memória preservada por aqueles que conhecem suas histórias e sofrimentos.

O diário de Anne Frank é uma obra conhecida mundialmente e só foi lançada após a morte de Anne, quando os manuscritos de seu diário foram encontrados e entregues ao seu pai, Otto Frank, único sobrevivente da família.

Anne se tornou uma adolescente querida pela população mundial por ter registrado sua história durante os anos em que ficou escondida no sótão da casa de uma família na

Holanda. Os leitores conseguem se aproximar do que ela conta devido à linguagem acessível utilizada e por se identificarem com as histórias cotidianas relatadas, como os estudos, os costumes, as conversas em família, os sentimentos desenvolvidos por pessoas próximas e o amor. O que ela conta é a história de uma adolescente comum, com sonhos a serem realizados, amores a serem vividos, conquistas a serem alcançadas, mas que teve todas essas perspectivas interrompidas por sua morte prematura no campo de concentração.

O diário de Anne Frank (Frank, 2021) se encaixa no testemunho *testis* por conter o relato de Anne enquanto estava escondida com sua família. Ela sabia o que estava acontecendo em seu país por meio dos jornais e que os judeus estavam sendo perseguidos e presos. Em seu diário, Anne demonstra esse conhecimento, no entanto, enquanto escreve, apesar de estar vivendo aquele período da história, ela não é uma sobrevivente, pois ainda não foi enviada ao campo de concentração. A narradora relata o que sabe em relação à perseguição aos judeus, é uma testemunha que “[...] traz a ideia do compartilhamento da ação testemunhal [...] em nome de uma pluralidade de vozes” (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 6). Anne consegue, através do seu testemunho, mostrar toda a angústia e insegurança que os judeus sentiram por não saberem o que iria acontecer, se seriam os próximos a serem presos ou se sairiam com vida daquela situação.

Apesar de estarem em um lugar seguro, Anne, sua família e amigos tinham notícias do que estava acontecendo no restante do país e todos os dias sentiam medo de serem descobertos e terem o mesmo destino dos demais judeus:

Hoje só posso dar notícias tristes e deprimentes. Os nossos amigos e conhecidos judeus são deportados em massa. A Gestapo trata-os sem a menor consideração. Em vagões de gado, leva-os para Westerbork, o campo para judeus. Westerbork deve ser um lugar horrível. Estão lá milhares de pessoas e não há sequer lavatórios nem w. c. suficientes para todos. Pessoas dormem em barracas, homens, mulheres e crianças, todos misturados. Não podem fugir: quase todos podem se identificar pelas cabeças raspadas e pela aparência judia (Frank, 2021, p. 50).

Anne chama amigavelmente seu diário de Kitty, uma maneira de aproximar a conversa entre eles, como se fossem duas amigas. Isso também faz com que os leitores percebam essa proximidade entre a escritora, o diário e o leitor.

Em 13 de janeiro de 1943, Anne descreve como os judeus são tratados e como suas casas são invadidas:

As notícias lá de fora são horríveis. Dia e noite arrastam os coitados das suas casas. Só deixam levar o que cabe na mochila e algum dinheiro (mas tiram mais tarde). Separam as pessoas em três grupos, homens, mulheres e crianças. É comum as crianças voltarem da escola e não encontrarem os pais, ou as mulheres voltarem das compras e darem com a casa vazia. O resto da família desapareceu... Ouço falar durante horas a fio, sobre a miséria que essa guerra trouxe e fico cada vez mais triste. Não temos outro remédio senão esperar... Esperam os povos de todo mundo..., mas muitos esperam pela morte (Frank, 2021, p. 69-70).

Nesse período no esconderijo, Anne e sua família não vivem as mesmas perseguições que os judeus, mas sabem tudo o que está acontecendo, como fica claro no trecho acima. Por estarem livres dessas perseguições, supõe-se que poderiam estar bem, mas com os relatos é possível perceber o medo, as angústias que sentiam, a ansiedade diante do risco de serem descobertos e a incerteza sobre o que fariam se isso acontecesse.

Todas as percepções descritas por Anne demonstram mais maturidade do que a esperada para alguém da sua idade; devido ao momento em que viveu, essa maturidade precisou acontecer de forma ainda mais rápida. O modo como narra os dias no anexo secreto aproxima os leitores da sua história, temos a ilusão de conhecê-la de perto, apenas por meio da sua escrita.

Infelizmente, a história de Anne Frank e sua família não termina como a maioria dos leitores gostariam. Após mais de dois anos no esconderijo, os nazistas encontraram o local e as pessoas que ali estavam foram levadas para o campo de concentração. Anne morreu pouco antes de completar 16 anos. Seu diário serviu e serve até hoje para desvendar os dias durante o holocausto e sua obra se mantém como testemunho daquele período.

Seguindo nessa linha dos testemunhos, Nanette Blitz Konig, Edith Eger e Primo Levi são sobreviventes dos campos de concentração. Nanette foi presa em Bergen-Belsen e era amiga de Anne durante o colégio. Em seu livro *Eu sobrevivi ao holocausto*, Nanette narra os horrores daquele período e os traumas que carrega mesmo após ter sido libertada. Edith Eger sobreviveu ao campo de Auschwitz. Primo Levi sobreviveu ao campo de Buna-Monowitz (Auschwitz III).

As narrativas dos três sobreviventes se encaixam no testemunho que chamamos de *superstes*, que ocorre quando a pessoa que narra é um sobrevivente, viveu diretamente, experienciou e conta tudo o que viu. Segundo o dicionarista Ernesto Faria, citado por Sarmiento-Pantoja (2019, p. 06), o testemunho *superste* se faz centrado

[...] na ação testemunhal, ou seja, a narração, o testemunho enquanto materialidade, enquanto relato daquele aquele que é o primeiro a relatar; o que viveu a experiência e testemunha a partir da imersão nessa experiência e desse

modo dá seu depoimento, chamado por Benveniste (1969) de *superste*, o que sobreviveu.

Nanette conheceu Anne no colégio, quando os judeus foram separados dos demais estudantes. Ela participou do 13º aniversário de Anne, quando esta ganhou o diário que viria a se tornar famoso após a Segunda Guerra. Depois das deportações para os campos de concentração, elas se encontraram novamente dentro do campo, pouco antes de Anne morrer.

Em seu livro, Nanette König (2015) faz muitas reflexões sobre a questão humana, a maldade de alguns com os outros, a falta de comida, os trabalhos forçados e sem sentido a que eram submetidos, a questão da higiene precária que os prisioneiros eram obrigados a enfrentar, a falta de água quente para o banho em temperaturas abaixo de zero grau, como os campos eram organizados, os esforços dos nazistas para não deixar rastros das arbitrariedades que cometiam, a perda de amigos e familiares, entre outras condições desumanas que enfrentaram.

A bailarina de Auschwitz (Eger, 2019) é um livro de memórias de uma sobrevivente do campo de concentração. Edith Eva Eger era uma bailarina de 16 anos quando seu vilarejo na Hungria foi invadido pelos nazistas. Toda a sua família foi presa, seus pais morreram na câmara de gás e ela e sua irmã sobreviveram.

Edith escreveu seu livro aos 90 anos. Nele, descreve os horrores do campo de concentração, seus traumas após ser libertada, a culpa por ter sobrevivido e sobre o que poderia ter feito em relação a seus pais. Com o tempo, percebeu que ela não era a culpada, mas sim aqueles que os aprisionaram e mataram. A bailarina cursou psicologia e tem mestrado e doutorado na área e ajuda pessoas que sofrem com traumas físicos e emocionais. Apesar dos seus traumas pessoais, decidiu se libertar da culpa que carregava e aceitar sua condição como prisioneira, órfã e sobrevivente do holocausto. No início de sua obra, Edith deixa clara a luta interna que enfrentava por ter sobrevivido:

A memória é solo sagrado. Porém, ela é também mal-assombrada. É o lugar onde a raiva, a culpa e o sofrimento circulam como pássaros famintos revirando os mesmos ossos velhos. É o lugar onde busco a resposta para uma pergunta irrespondível: Por que eu sobrevivi? (Eger, 2019, p. 30).

A obra descreve a chegada ao campo; as filas para a entrada; a decisão de Josef Mengele sobre aqueles que iam para a direita ou esquerda, mostrando que, com apenas um apontar de dedos, ele decidia quem viveria ou morreria; e também a crueldade de outros prisioneiros que ajudavam a alocar os que estavam chegando. Ao perguntar quando veria sua mãe novamente, ela descreve uma dessas prisioneiras e a resposta que recebeu:

Ela me olha com frieza e agressividade. Não há empatia em seus olhos. Não há nada, a não ser raiva. Ela aponta para a fumaça subindo de uma das chaminés à distância.

— Sua mãe está queimando lá dentro. É melhor você começar a falar dela no passado (Eger, 2019, p. 51).

Nessa passagem é possível observar a crueldade e a frieza que os humanos desenvolveram nesses locais, agindo sem empatia pelos outros que também estavam sendo presos e privados de sua liberdade.

Em muitas passagens do livro, Edith Eger (2019) descreve momentos em que era preciso fugir da realidade para conseguir sobreviver. Isso ocorria, por exemplo, quando as prisioneiras encenavam concursos de beleza, realizavam os trabalhos diários como se estivessem livres – imaginando que estavam indo ao mercado – ou usavam palavras afirmativas para se manterem fortes, aliviando a culpa e reconhecendo sua inocência diante daquele horror. As prisioneiras logo perceberam que a palavra de ordem era a cooperação, que se ajudassem umas às outras tudo se tornaria menos pesado.

Após sofrer no campo de concentração, passar fome, sede, trabalhar em fábricas e ser transferida de um campo para outro em cima de vagões de trem, servindo de alvo para possíveis bombardeios, Edith marchou por quilômetros nas chamadas “marchas da morte”. Sem forças, deitou-se sobre uma pilha de corpos e teve alucinações. Não sabia dizer por quanto tempo ficou desacordada, abria os olhos e voltava a dormir, até ser despertada por gritos de soldados americanos. Eles pediam que, se alguém estivesse vivo, levantasse o braço, mas ela não conseguia fazer esse movimento. Sua irmã, também sobrevivente, conseguiu atrair a atenção dos soldados com o reflexo de uma lata de sardinhas; eles voltam e as duas são retiradas da pilha de cadáveres e levadas para a cidade.

Apesar de tudo, o antissemitismo ainda continuava:

Ninguém quer nos abrigar. Hitler morreu há menos de uma semana, a Alemanha ainda está a dias de se render oficialmente. A violência diminui em toda a Europa, mas ainda é tempo de guerra. Alimento e esperança são escassos para todos. E nós, as sobreviventes, ex-prisioneiras, ainda somos o inimigo para alguns. Parasitas. Vermes. A guerra não acaba com o antissemitismo. Os soldados americanos levam a mim e Magda para a casa de uma família alemã, composta de mãe, pai, avó e três crianças. É ali que vamos morar até ficarmos fortes para viajar. Tenham cuidado, os americanos nos avisam em um alemão capenga. Ainda não há paz. Qualquer coisa pode acontecer (Eger, 2019, p. 89).

O fim oficial da guerra estava próximo, Hitler já estava morto, no entanto tudo o que foi pregado e disseminado pelo discurso alemão antissemita persistia, as pessoas ainda acreditavam que os judeus eram inimigos do povo, mesmo estando em pele e osso, sem conseguir se locomover ou falar. O relato mostra que isso permaneceu na memória da personagem que narra a própria história. Apesar de estar buscando a cura de seus traumas e tentando perdoar aqueles que lhe fizeram mal e acabaram com sua família, ela ainda guarda em suas lembranças todo o sofrimento pelo qual passou e a dificuldade em ser reinserida na sociedade.

Não se pode deixar de mencionar o escritor Primo Levi, devido à grande importância de seus textos no pós-guerra. Seu testemunho como vítima e sobrevivente do campo de concentração traz detalhes ricos sobre como era viver preso e submetido a todas as arbitrariedades que o regime nazista impunha à população judaica.

Seu livro mais conhecido, *É isto um homem?* (Levi, 1988), traz a pergunta já no título, como uma reflexão: podemos chamar de homem, de humano, um ser que produz tanto terror, tantos traumas, tantas mortes aos seus semelhantes? Ao pensarmos no nazismo, Hitler e seus ajudantes, são essas perguntas que nos vêm: como alguém pode tratar o outro de maneira tal que este deixe de se enxergar como humano? Foi isso que a máquina nazista causou aos judeus. As perseguições, prisões, torturas e mortes rebaixaram essas pessoas a ponto de fazê-las questionar a própria existência, essência, dignidade e merecimento da vida.

Para buscar respostas a esses questionamentos, é preciso contar o que se viveu naqueles anos, testemunhar a própria história. Primo Levi, após sua libertação, através dos textos que escreveu e dos livros que publicou, fala sobre a necessidade de relatar o que se passou. Para que sua dor seja amenizada, é preciso narrar aqueles momentos, mesmo se deparando com pessoas que o julguem mentiroso, apesar do que viu e viveu com os próprios olhos e corpo. No entanto, apenas aqueles que sobreviveram e não enlouqueceram, ou ficaram paralisados diante dos horrores dos campos, conseguem testemunhar.

A obra aqui estudada, *A menina que roubava livros* (Zusak, 2008), é uma ficção, mas traz diversos aspectos do que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. O pai, austríaco, e a mãe, alemã, do autor viveram nesse período. Quando criança, Markus Zusak, que é australiano, ouvia as histórias da guerra contadas pelos pais. Para escrever o romance, o autor fez grande pesquisa sobre o tema na Alemanha e visitou o campo de Dachau. Muitas das histórias que escreveu fazem parte das memórias de infância de sua mãe.

A escrita de *A menina que roubava livros* revela o que Sarmiento-Pantoja (2019) chama de testemunho *arbiter*, a narração em segunda pessoa. Sobre o narrador em segunda pessoa, o autor diz:

Temos agora uma forma de testemunho constituída por um narrador que apenas ouviu a narrativa, o testemunhante, ou seja, aquele que valida o testemunho, ouvindo e vendo o testemunho e, por conta de ter ouvido o testemunho, é capaz de replicá-lo, avaliando a narrativa e selecionando para a sua nova narração o que lhe interessa narrar, seja essa narrativa feita pelo narrador *testis* ou *superstes*. É interessante observar que o narrador, pode até ser protagonista da narrativa, mas constrói seu testemunho não apenas pela sua memória, mas por um conjunto de memórias protéticas a sua, que foram narradas por um terceiro ao narrador, que a analisa e a constitui como sua memória (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 14-15).

Markus Zusak escreve sobre esse período por ter ouvido o testemunho dos pais e, por isso, valida e replica o que foi testemunhado por eles. O autor constrói sua narração por intermédio dos testemunhos ouvidos, fazendo recortes sobre aquilo que deseja contar, deixando clara a importância do testemunho *arbiter*. Sem ele “[...] não há testemunho, pois, de certa forma, todo testemunho precisa de um *arbiter* para reconhecê-lo como testemunho, [...] a narração testemunhal pode ser composta não somente pelo que vivi, ou vi, mas também pelo que me disseram” (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 15-16). Ou seja, aquele que conta o que ouviu também tem sua importância na literatura de testemunho:

O testemunho *arbiter* encontra espaço para analisar o que se encontra fora da cena, ao construir a sua versão sobre ela. Essa mesma posição narrativa de *arbiter* vamos encontrar em narrativas da segunda geração, daqueles que de tanto ouvir os testemunhos de seus pais, avós, irmãos, amigos... são levados a narrar, a também fazer seu testemunho, com base em uma matéria recordativa ouvida, coletada, reconfigurada pelo tempo, pelo espaço, mas não menos verdadeira (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 16-17).

Zusak é considerado um autor da segunda geração, aquela que ouviu o testemunho dos pais, avós e irmãos. Ele narra e testemunha aspectos da Segunda Guerra com base no que ouviu, mesmo assim, sua narrativa continua a ser importante.

Ao analisarmos a construção desse romance, observamos que a Morte é apresentada como narradora. Mas, como já mencionado, o que ela conta é a história escrita por Liesel que, por sua vez, registra em um livro os acontecimentos de sua vida e dos demais personagens durante a Segunda Guerra. Nesse registro há a memória da menina daquela época, sua adoção pela família Hubermann, os aprendizados, seus amigos, seus roubos e suas leituras.

Quando Liesel rememorou os acontecimentos de sua vida, aquelas noites na sala foram algumas de suas lembranças mais vívidas. Ela reviu a luz ardente no rosto de casca de ovo de Max e chegou até a provar o sabor humano de suas palavras. O curso da sobrevivência do rapaz foi relatado aos bocadinhos, como se ele recortasse de si cada pedaço e os oferecesse numa bandeja (Zusak, 2008, p. 154).

A narradora evidencia em várias passagens que a história foi escrita pela menina, que rememora os fatos daquele período, no entanto a morte também coloca seu olhar sobre esses acontecimentos por tê-los presenciado.

Quando chegou a hora de escrever, lembro-me com clareza do que Liesel Meminger teve a dizer sobre esse verão. Muitas palavras desbotaram no correr das décadas. O papel sofreu com o atrito do movimento em meu bolso, mas, apesar disso, muitas de suas frases foram impossíveis de esquecer.
PEQUENA AMOSTRA DE ALGUMAS PALAVRAS ESCRITAS POR
UMA MENINA

Aquele verão foi um novo começo, um novo fim.
Quando olho para trás, lembro-me de minhas mãos escorregadias de tinta e do som dos pés de papai na Rua Munique, e sei que um pedacinho do verão de 1942 pertenceu a um homem só. Quem mais pintaria pelo preço de meio cigarro? Papai era assim, isso era típico, e eu o adorava (Zusak, 2008, p. 254).

A rememoração de Liesel ocorre ao longo da narrativa, deixando-nos próximos dela, da Morte e das personagens do seu livro. A narradora nos conta sobre o processo de escrita da menina: “[...] no porão, ao escrever sobre sua vida, Liesel jurou que nunca mais tomaria champanhe, pois ele nunca teria um sabor tão gostoso quanto naquela tarde quente de julho” (Zusak, 2008, p. 256). Como em outros momentos, aqui fica evidente o papel da menina como escritora e que é sobre a própria vida que ela escreve.

A história contada no livro pode ser lida como memória e reconstrução. No entanto ela não é contada pelo ponto de vista do vencedor, de forma otimista, sem derrotas, objetiva, e sim pelo ponto de vista dos dominados e vencidos: é a história de uma menina e sua família pobre que não tinha o que comer, assim como seus vizinhos; é a história dos judeus massacrados pelo *Führer* durante a Segunda Guerra Mundial.

Essa maneira de narrar mostra as intervenções do narrador e supõe um autor implícito, pois é este quem decide os pontos que deseja mostrar e aqueles que deseja esconder; cabe ao leitor decifrar seus códigos e perceber com quais intenções se conta determinada história.

A narração ficcional e a narração das testemunhas se fundem, é possível relembrarmos a *Shoah* através desses dois tipos de narração. O sentimento da Morte narradora e o sentimento dos sobreviventes nos tocam de maneira sutil e atormentadora:

A oração do crematório e o fogo estão sempre na sua cabeça. “Deus, onde você está? Onde estão as promessas? Por quê? Sou um homem religioso, acredito em você”. E isso você nunca vai esquecer durante toda sua vida (Sarah Salamon, Sobreviventes [...], 1996).

As imagens do que aconteceu e das vítimas que não sobreviveram permanecerão para sempre na memória como traumas daquele período sombrio, marcado por atos cruéis e sem justificativa.

O testemunho, segundo Seligmann-Silva (2008), é para o sobrevivente uma atividade elementar, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta do *Lager* (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica essa necessidade, que desencadeia a carência absoluta de narrar. Primo Levi, ao contar suas histórias, percebe e coloca “os outros” humanos como seres distantes, como se houvesse uma barreira entre os sobreviventes e os que não estiveram nos campos, os sobreviventes se percebem como fora da realidade, ou da humanidade que continuou em liberdade.

A vida dentro dos campos de concentração parece, para os sobreviventes, um tempo vivido fora da realidade, parece não ter existido. Por meio da conexão com os que não estiveram nos campos e dos testemunhos, aos poucos, é possível a reconexão consigo mesmo, com a maneira de se ver, de se enxergar novamente como humano e, conseqüentemente, a reinserção na sociedade.

O testemunho “[...] se dá sempre no presente. Na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente” (Seligmann-Silva, 2008, p. 69), ou seja, apesar de se ter vivido muitas coisas, traumas e decepções no passado, é no agora que o testemunho se faz. “O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (Seligmann-Silva, 2008, p. 69). Apesar de o tempo no campo ter acabado e a “liberdade” ter voltado, as pessoas que lá estiveram já não são mais as mesmas. Qualquer experiência que temos nos transforma, quando pensamos na experiência de sobreviver a um campo de concentração, é possível supor o tipo de mudanças que aquelas pessoas tiveram e os traumas que carregam até hoje. A liberdade voltou, mas o trauma não passa; mesmo que se testemunhe todos os dias sobre o que se viveu, não é possível reparar totalmente o que o físico e o psicológico sofreram.

Ao testemunhar e tentar trazer à tona o vivido nos campos, os sobreviventes se deparam com uma sensação de irrealidade, pois é impossível comparar essa experiência a qualquer outra fora daquele contexto. Só quem esteve lá conhece a dimensão do que foi vivido e sentido. Imaginar os horrores dos campos sem tê-los presenciado é muito difícil, pois parece mentira. É difícil conceber que seres humanos tenham sido submetidos a tamanha crueldade por seus semelhantes.

O papel da literatura que salva aparece nesse momento, na necessidade de falar, contar, colocar para fora os sentimentos, os horrores vividos, a perplexidade. O testemunho faz com que as vítimas passem por esse processo terapêutico, de falar e escrever sobre suas dores, sua indignação, seu assombro diante da desumanização. Para que o papel da literatura que salva se cumpra, é necessário o outro lado, o papel daquele que lê, que escuta, que debate sobre o tema, sobre aquilo que está sendo colocado à disposição da sociedade, sobre a crueldade cometida. O acolhimento aos sobreviventes acontece dessa forma.

A maneira de se testemunhar é sempre singular, pois cada sobrevivente é único e carrega consigo repertório cultural, familiar, aprendizados e experiências de vida próprios. É impossível medir as dores de cada um, mensurar o quão trágico é um acontecimento catastrófico, como as guerras, os campos, os bombardeios, visto que o sofrimento se apresenta em maior ou menor grau para cada um de acordo com as experiências que se teve no decorrer da vida. Porém, é certo que todos que passam por experiências como as relatadas sairão traumatizados e necessitarão de acolhimento para que sigam suas vidas e tentem superar os traumas vividos. Os traumas nunca serão esquecidos de forma completa, mas é possível viver dias mais amenos quando se testemunha sobre eles.

Os sobreviventes da *Shoah* testemunham, segundo Seligmann-Silva (2008, p. 73), de forma excepcional:

Aquele que testemunha de forma excepcional muitas vezes torna-se ele também figura exemplar. Sabemos do valor atribuído aos sobreviventes. Eles representam exemplos únicos daqueles que viram de perto atrocidades inomináveis. Eles portam estas verdades e são tratados como porta-vozes delas.

Nesse contexto, a unicidade pessoal é valorizada por meio do reconhecimento do repertório de cada um. No pós-guerra, todos aqueles que contassem ou palestrassem sobre o vivido na guerra eram ouvidos com atenção. Com o passar dos anos, relatos, estudos e esclarecimentos sobre o que aconteceu nos campos deixaram as pessoas atônitas. Os sobreviventes passaram a ser admirados por terem superado tantas crueldades e por estarem

dispostos a compartilhar essa experiência, que apenas quem viveu poderia contar como ocorreu e o que sentiu.

Em *É isto um homem?*, Primo Levi (1988) narra a sua prisão, o transporte de trem para o campo de concentração de Auschwitz, o transporte em caminhões, o raspar dos cabelos, o despir das roupas, a fome constante que sentiam, o trabalho no vento, na chuva, na neve, os banhos gelados aos quais eram submetidos, a falta de higiene nos lavatórios, nos quartos em que dormiam, a desumanização a que foram submetidos. Logo no início da obra, ele se mostra perplexo com as agressões que sofriam dos soldados alemães e se indagava como um ser humano poderia agredir o outro sem motivo algum:

Embarcaram-nos, então, no ônibus e nos levaram até a estação de Cápri. Lá nos esperavam o trem e a escolta para a viagem. E lá recebemos as primeiras pancadas, o que foi tão novo e absurdo que não chegamos a sentir dor, nem no corpo nem na alma. Apenas um profundo assombro: como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana? (Levi, 1988, p. 16-17).

O assombro é causado pela violência gratuita. Não havia motivos para as agressões, pois os prisioneiros faziam exatamente aquilo que lhes era ordenado, não havia discussões, revoltas ou descumprimento de ordens e, mesmo assim, os soldados agrediam sem terem um motivo.

Ao relembrar o transporte de trem, o escritor faz algumas reflexões: “[...] das 45 pessoas do meu vagão, só quatro, tornaram a ver suas casas; e o meu vagão foi, de longe, o mais afortunado” (Levi, 1988, p. 19). Fica evidente a quantidade de pessoas que foram mortas e as pouquíssimas que sobreviveram ao regime. Quantas vidas, sonhos e possibilidades foram perdidos nesse período? Solidarizamo-nos com aqueles cuja história conhecemos, no entanto muitos anônimos tiveram esse mesmo destino. Famílias inteiras foram dizimadas, outras em que apenas um ou poucos sobreviveram, restando uma lacuna e o sentimento de estar sempre faltando alguém que fazia parte de sua vida.

Primo Levi fala dos sonhos que ele e os outros prisioneiros do campo tinham, sonhos com a família, com o retorno para casa, que estavam comendo, o que os fazia mover os maxilares durante a noite. A falta que sentiam das coisas do mundo de fora revelava-se através do seus sonhos. Ao falar dos personagens que aparecem em seu relato, comenta: “Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligida a outros” (Levi, 1988, p. 180). Os judeus nos campos de concentração já não pareciam com humanos, estavam sufocados, disformes, não poderiam mais ser o que foram antes.

Apesar de ser um sobrevivente, Levi (1988, p. 231) se mostrava incrédulo com a humanidade, “Penso hoje que ninguém deveria mencionar a Divina Providência, já que existiu um Auschwitz”, o que é justificável diante dos horrores que vivenciou. Após sua libertação, Primo Levi voltou para casa e faleceu em 1987, em uma queda da escada. Acredita-se, ainda hoje, que essa queda tenha sido proposital, um suicídio, porque ele já não via mais sentido na vida e estava com a saúde mental afetada.

Os relatos deste capítulo mostram a “memória recordada” daqueles que falam sobre esse período, com isso é possível ter uma visão do que foram aqueles anos. As recordações trazem para a sociedade contemporânea aquilo que se viveu, a parte invisível do século XX que causou tanta destruição e sofrimento para a população da época e que ainda sobrevive como um tormento na memória daqueles que escaparam com vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos propostos neste trabalho analisam o romance *A menina que roubava livros* (Zusak, 2008) e suas diversas possibilidades de interpretação, como as questões relacionadas ao narrador, à história da Segunda Guerra Mundial, ao regime nazista, à perseguição aos judeus, ao valor das palavras e à memória do holocausto. O livro de Markus Zusak (2008) é uma obra ficcional de escrita contemporânea, embora a narrativa se passe durante o regime nazista. Parte significativa do conteúdo foi baseada em relatos que o autor ouviu de sua mãe na infância, caracterizando-o como uma testemunha *arbiter*, conforme proposto por Augusto Sarmiento-Pantoja (2019).

Nesse romance, a relação entre ficção e realidade é evidente. Os eventos relatados – a perseguição aos judeus, o uso da estrela de Davi para identificá-los como escória, as marchas da morte forçadas entre os campos de concentração, o uso de câmaras de gás para ceifar milhares de vidas e o elevado número de mortos – podem ser comprovados por meio do estudo da história do período ou pelo contato com relatos de sobreviventes, seja em livros ou em registros audiovisuais.

O narrador, a ficção e a história são os temas centrais deste estudo, pois tratamos da maneira como a narrativa é contada sob dois pontos de vista: o da menina Liesel, que escreveu o livro no porão e relatou como foram os anos com sua nova família, os amigos que fez, a escola que frequentou, os livros que roubou, suas leituras e os momentos em que leu no porão para os moradores que se escondiam dos bombardeios; e o da Morte, narradora da história que resgatou o manuscrito da menina dos escombros, após a destruição da rua onde morava.

O elemento central para entender os dois pontos de vista é o último, quando a Morte encontra a história escrita pela menina e decide contá-la. Liesel é a única sobrevivente de sua rua, porque estava no porão de sua casa escrevendo seu livro. A rua Himmel é bombardeada sem nenhum aviso prévio, e todos os moradores morrem; Liesel só escapa porque estava protegida escrevendo. Após ser resgatada, ela é vista com um livro nas mãos, mas quando avista seus amigos e pais mortos, deitados na rua e cheios de poeira, deixa o cair. Nesse momento, a Morte, enquanto recolhe as almas daqueles que se foram, encontra o livro e, considerando que a história merecia ser contada, decide narrá-la. Como esteve presente em todos os episódios relatados, a Morte consegue descrevê-los, apresentando também as suas próprias impressões.

A memória do holocausto é resgatada ao longo da narrativa. Ao recordar o que acontecia no país naquela época, Liesel evoca esse período e as arbitrariedades cometidas. Lembrar é uma característica intrínseca ao ser humano: a todo momento revisitamos

acontecimentos que nos marcaram – seja da infância, da adolescência, de dificuldades ou de alegrias. Todos carregamos um passado, mas as recordações variam de acordo com a experiência de cada um. Não é possível medir o impacto de uma experiência em cada pessoa, nem o quanto ela sentiu em relação àquilo que enfrentou. No entanto, ao refletir sobre os traumas causados por eventos como guerras, campos de concentração, a dizimação de populações inteiras, é possível perceber, através dos relatos dos sobreviventes, o quanto essas experiências os afetaram.

A memória trazida pela menina durante esse período também é vivenciada pela Morte. Para narrar, a Morte também precisa rememorar a Segunda Guerra Mundial. O livro possui a memória da menina e da narradora, as duas vozes se complementam ao longo da narrativa.

A ordem narrativa é cíclica, inicia-se com a apresentação da narradora e segue com as três vezes em que encontrou a menina. A história da menina é contada desde o episódio do trem, em que ela e o irmão estão seguindo para a casa dos pais adotivos, o irmão morre nessa viagem e seu primeiro livro é roubado. A partir daí, a narrativa segue a cronologia da vida de Liesel. Ao final, o que foi apresentado no início é retomado, com a segunda e terceira vez em que a morte a encontrou e, por fim, o fechamento da história, quando a Morte entrega para a menina seu livro de memórias.

Além das questões do narrador e da memória do holocausto, a convivência com as demais personagens também desempenha papel importante ao longo da história. Liesel tem em Rudy Steiner seu melhor amigo e parceiro nas partidas de futebol, na escola e nos roubos de livros. Cultiva amizade especial com seu pai desde o início, quando ele a ensina a ler e a enrolar cigarros. Max, o judeu que se esconde no porão de sua casa, torna-se um grande amigo e a presenteia com obras criadas por cima do livro *Minha luta*. A mãe, apesar da dureza na educação, revela-se amorosa nos momentos mais difíceis. Há ainda a mulher do prefeito, que ajuda Liesel ao permitir que fizesse suas leituras na biblioteca de sua casa e a presenteia com um caderno de pautas em branco para que pudesse escrever sua própria história. Todas essas relações se mostram importantes na construção da sua pré-adolescência, dos sentimentos que vai desenvolvendo e na formação da sua personalidade em meio ao difícil momento histórico em que vive.

Os resultados obtidos no desenvolvimento desta pesquisa demonstram, entre outros aspectos, a importância da narrativa para a vida, sua influência sobre os leitores, a variedade de estratégias que ela emprega e sua constante capacidade de renovação.

Os temas discutidos trazem um olhar provocador, ao evidenciar a importância da literatura, da memória e da história, em uma tentativa de que essas memórias provoquem reflexões e questionamentos sobre a intolerância, a violência e tudo aquilo que não deve ser seguido ou defendido, como foi o caso do nazismo. Infelizmente, ainda hoje existem simpatizantes desses ideais, o que reforça a necessidade constante do debate. Mesmo que o fim da Segunda Guerra Mundial esteja prestes a completar 80 anos, o preconceito, a intolerância, a violência, as guerras e outros problemas sociais não deixaram de existir. Acompanhamos diariamente notícias de bombardeios que deixam inúmeros mortos e feridos, de cidades, estados e países devastados pela guerra, e de milhares de civis que perdem suas vidas ou famílias, carregando para sempre os traumas causados pelo interesse de líderes que priorizam o poder em detrimento de questões humanitárias.

REFERÊNCIAS

- CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- DER KOMMANDANT POR. O brutal genocídio do povo alemão no final da Segunda Guerra Mundial. **Youtube**, 24 dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iqVQOvkRMPo&rco=1>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- EGER, Edith Eva. **A bailarina de Auschwitz**. Trad. Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. **O narrador do romance**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Trad. Fábio Kataoka. São Paulo: Pé da Letra, 2021.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [197-].
- KITCHEN, Martin. **O Terceiro Reich: carisma e comunidade**. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.
- KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Trad. Mirian Bettina Paulina Oelsner. São Paulo: Contraponto, 2009.
- KONIG, Nanette Blitz. **Eu sobrevivi ao holocausto**. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1994.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- MANVELL, Roger; FRAENKEL, Heinrich. **Doutor Goebbels: vida e morte**. Trad. Alexandre Trigo Veiga. São Paulo: Madras, 2012.
- POUILLON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2002.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstese arbiter. **Literatura e Cinema de Resistência**, Santa Maria, n. 32, p. 5-18, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1679849X35461>. Acesso em: 03 abr. 2025.

SOBREVIVENTES do holocausto. Direção: Allan Holzman. Produção: Steven Spielberg e Viktor Pinchuk. [S. l.]: Europa Home Vídeo, 1996. 1 VHS (70 min).

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

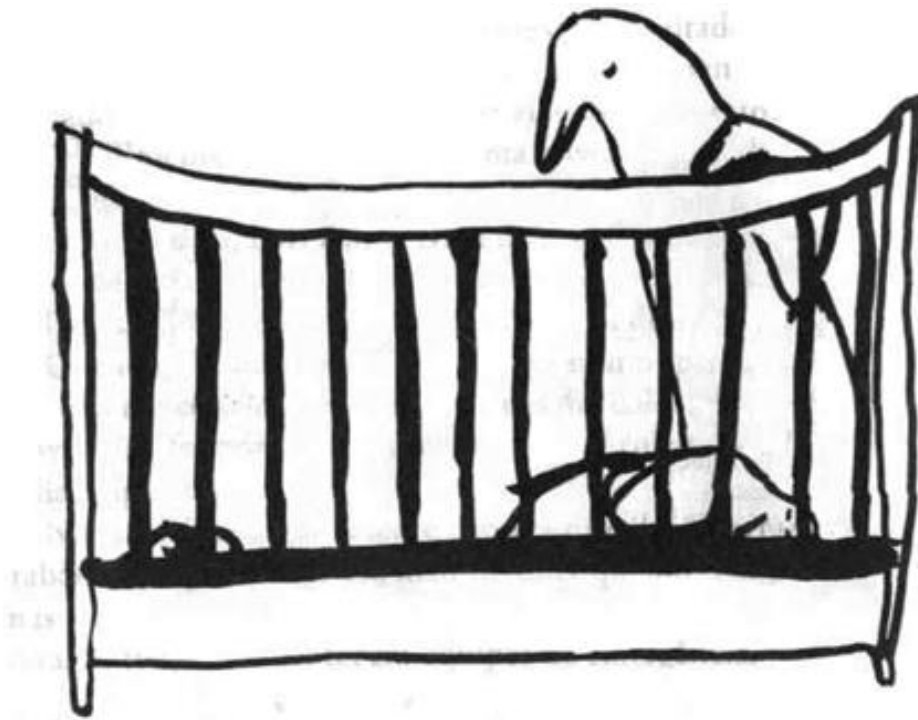
ANEXO A – “O VIGIADOR”

Toda a minha vida,
tive medo



de homens velando sobre mim.

Suponho que o primeiro homem a velar
por mim tenha sido meu pai,



mas ele sumiu antes
que eu pudesse recordá-lo.



Por alguma razão, quando eu era menino, gostava de brigar. Grande parte das vezes, eu perdia. Outro menino, às vezes com sangue pingando do nariz, erguia-se acima de mim.

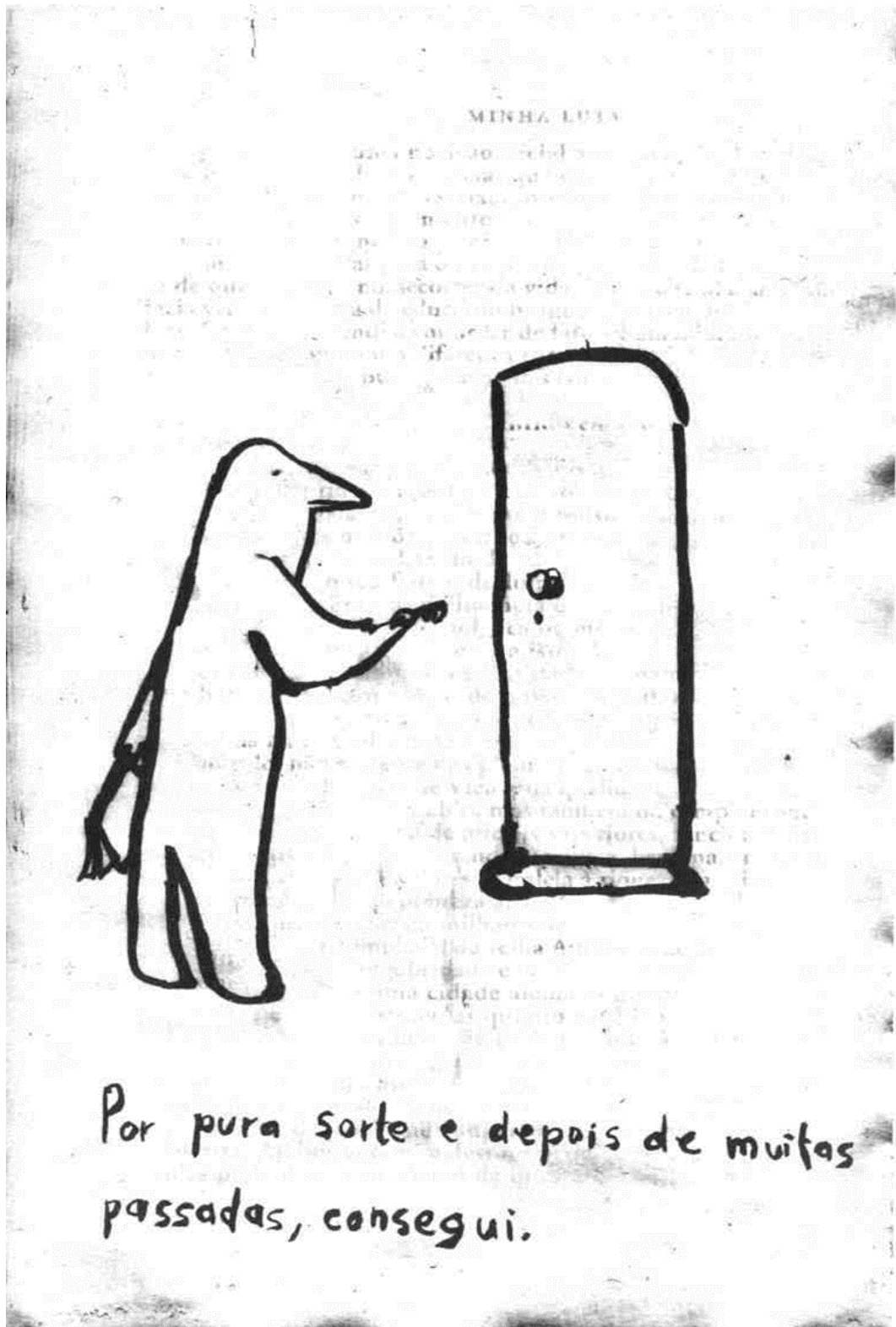
Muitos anos depois, precisei me esconder. Procurava não dormir, porque tinha medo de quem estaria lá quando eu acordasse.



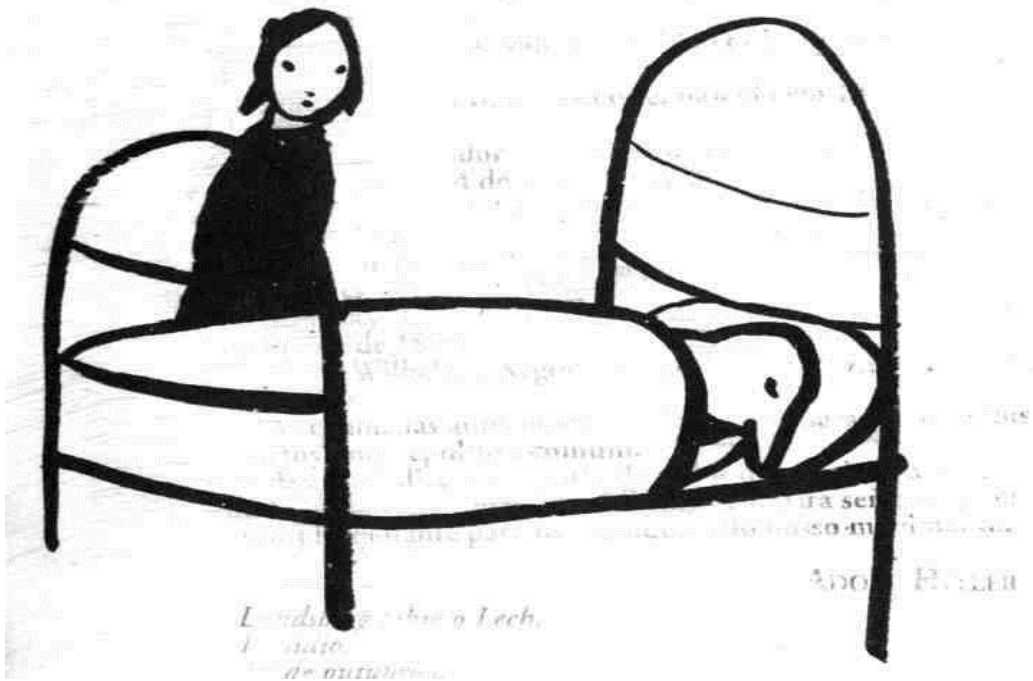
Mas tive
sorte.
Era sempre
meu amigo.



Quando estava escondido, eu sonhava
com um certo homem. O mais difícil
foi quando viajei para ir ao encontro dele.



Fiquei dormindo lá por muito tempo.
Três dias, disseram-me...
E o que encontrei ao acordar?
Não um homem, mas uma
outra pessoa a me vigiar.

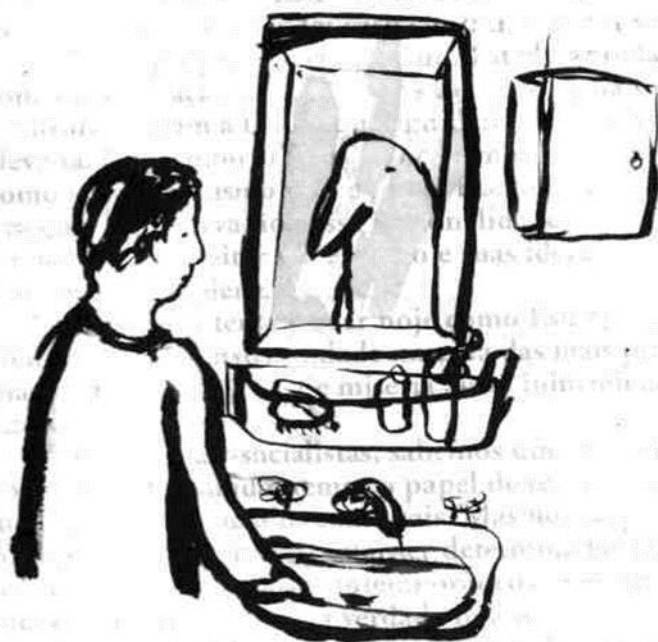


Com o passar do tempo,
a menina e eu descobrimos
que tínhamos coisas em comum.



MINHA LUTA

Mas há uma
coisa estranha.

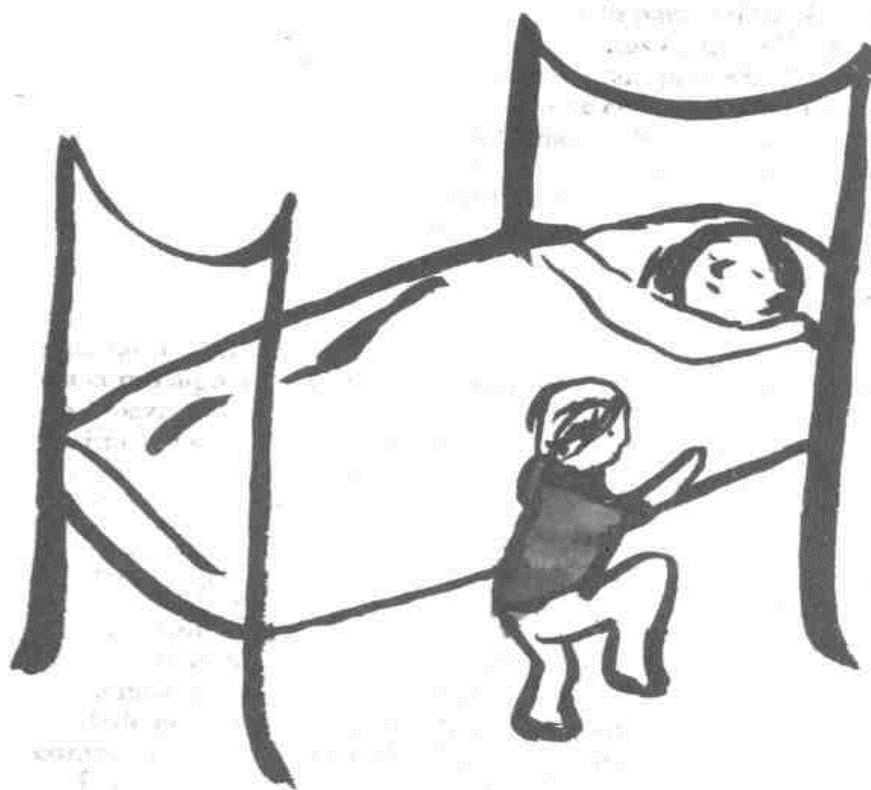


A menina diz
que eu pareço outra
coisa.

Agora moro num parão.
Os sonhos ruins ainda vivem
no meu sono.

Uma noite, após meu pesadelo
habitual, uma sombra ergueu-se sobre
mim. Ela disse: — Conte-me o que
você sonha. E eu contei.





Em troca, ela me explicou
de que eram feitos
seus próprios sonhos.

Agora, acho que somos amigos,
essa menina e eu. Em seu
aniversário, foi ela quem deu
um presente — a mim.



Isso me fez compreender que
o melhor vigiador que eu conheci
não é um homem...



ANEXO B – AS ILUSTRAÇÕES DE MAX





ANEXO C – “A SACUDIDORA DE PALAVRAS”

ERA UMA VEZ um homenzinho estranho, que decidiu três detalhes importantes sobre sua vida:

1. Ele repartiria o cabelo do lado contrário ao de todas as outras pessoas.
2. Criaria para si mesmo um bigode pequeno e esquisito.
3. Um dia, ele dominaria o mundo.

O homenzinho perambulou por muito tempo, pensando, fazendo planos e procurando descobrir exatamente como tornaria seu o mundo. E então, um dia, saído do nada, ocorreu-lhe o plano perfeito. Ele viu uma mãe passeando com o filho. A horas tantas, ela repreendeu o garotinho, até que ele acabou começando a chorar. Em poucos minutos, ela lhe falou muito baixinho, e depois disso ele se acalmou e até sorriu.

O homenzinho correu até a mulher e a abraçou. “Palavras!” e sorriu.

“O quê?”

Mas não houve resposta. Ele já se fora.



Sim, o Führer decidiu que dominaria o mundo com palavras. “Jamais dispararei uma arma”, concebeu. “Não precisarei fazê-la.” Mesmo assim, não se precipitou. Reconhecemos nele ao menos isso. Ele não tinha nada de burro. Seu primeiro plano de ataque foi plantar as palavras em tantas áreas de sua terra natal quantas fosse possível. Plantou-as dia e noite, e as cultivou.

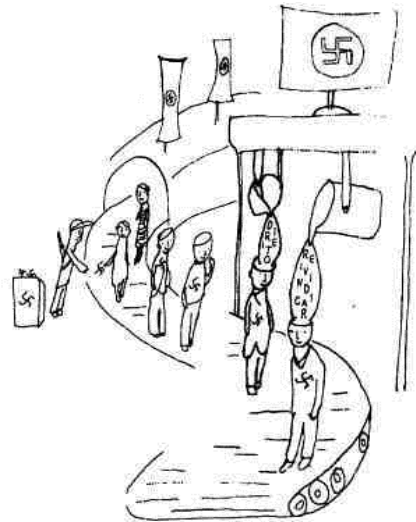
Observou-as crescer, até que grandes florestas de palavras acabaram crescendo por toda a Alemanha. Era uma nação de pensamentos cultivados.

ENQUANTO as palavras cresciam, nosso jovem Führer plantou ainda sementes para criar símbolos, e também estas se achavam bem perto do pleno desabrochar. Era chegada a hora. O Führer estava pronto.

Convidou seu povo a se aproximar de seu glorioso coração, acenando-lhe com suas palavras melhores e mais feias, colhidas à mão em suas florestas. E as pessoas vieram.

Todas foram colocadas numa esteira rolante e conduzidas por uma máquina-baluarte, que lhes dava uma vida inteira em dez minutos. Elas eram alimentadas com palavras. O tempo desapareceu e elas passaram a saber tudo que precisavam saber. Ficaram hipnotizadas.

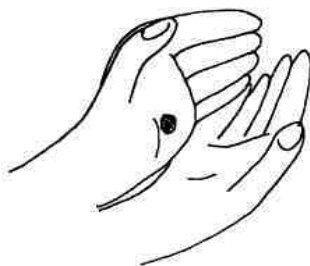
Em seguida, foram equipadas com seus símbolos, e todas ficaram felizes.



Em pouco tempo, a demanda das encantadoras palavras medonhas e dos símbolos aumentou a tal ponto que, com o crescimento das florestas, muitas pessoas se tornaram necessárias para cuidar delas. Algumas eram empregadas para trepar nas árvores e jogar as palavras para as que estavam embaixo. Em seguida, as palavras eram diretamente introduzidas no restante do povo do Führer, para não falar nos que voltavam para pedir mais.

As pessoas que trepavam nas árvores eram chamadas de sacudidoras de palavras.

Os melhores sacudidores de palavras eram os que compreendiam o verdadeiro poder delas. Eram os que conseguiam subir mais alto. Um desses sacudidores era uma menininha magricela. Ela era famosa como a melhor sacudidora de palavras de sua região, porque sabia o quanto uma pessoa podia ficar impotente SEM as palavras.

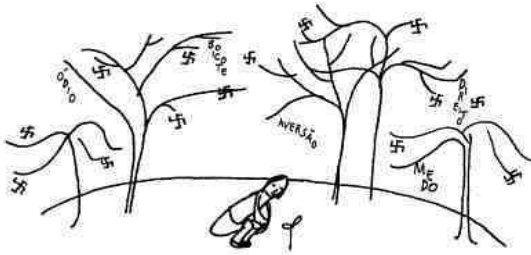


Por isso, ela se mostrava capaz de subir mais alto que qualquer outra pessoa. Desejava as palavras. Tinha fome de palavras.

Um dia, porém, ela conheceu um homem que era desprezado por sua pátria, embora tivesse nascido nela.

Os dois se tornaram bons amigos e, quando o homem adoeceu, a sacudidora de palavras deixou uma única

lágrima cair sobre o rosto dele. A lágrima era feita de amizade - uma só palavra -, e secou e se tornou uma semente, e ao voltar à floresta na vez seguinte, a menina plantou essa semente entre as outras árvores. Regou-a todos os dias.



A princípio, não aconteceu nada, porém, uma tarde, ao verificar a semente, depois de um dia inteiro sacudindo palavras, a menina viu que despontara um pequeno broto. Fitou-o por muito tempo.

O broto foi crescendo dia a dia, mais depressa do que todos os demais, até se transformar na árvore mais alta da floresta. Todos foram vê-la. Todos murmuraram sobre ela e esperaram... pelo Führer.

Inflamado, ele deu ordens imediatas de que a árvore fosse derrubada. Foi nessa hora que a sacudidora de palavras abriu caminho pela multidão. Prostrou-se sobre os joelhos e as mãos.

- Por favor - exclamou -, o senhor não pode derrubá-la.

Mas o Führer não se comoveu. Não podia dar-se ao luxo de abrir exceções. Enquanto a sacudidora de palavras era arrastada para longe, ele se voltou para o homem que era seu braço-direito e fez um pedido:

- O machado, por favor.

NESSE MOMENTO, a sacudidora de palavras debateu-se até se libertar. Saiu correndo. Aproximou-se da árvore e, enquanto o Führer golpeava o tronco com seu machado, trepou até chegar aos galhos mais altos. As vozes e as batidas do machado prosseguiram, abafadas. As nuvens foram passando - como monstros brancos de coração cinzento. Amedrontada, mas teimosa, a sacudidora de palavras continuou lá em cima. Esperou a árvore tombar.

Mas a árvore não se mexeu.

Passaram-se muitas horas, porém, apesar disso, o machado do Führer não conseguiu tirar uma única lasca do tronco. Num estado próximo do colapso, ele ordenou que outro homem continuasse.

Passaram-se dias.

As semanas se sucederam.

Nem cento e noventa e seis soldados conseguiram causar o menor impacto na árvore da sacudidora de palavras.





- Mas, como é que ela faz para comer?
- perguntavam as pessoas. - Como é que dorme?

O que elas não sabiam era que outros sacudidores de palavras jogavam mantimentos, e que a menina descia até os galhos mais baixos para recolhê-los.

NEVOU. Choveu. Vieram e se foram estações. A sacudidora de palavras permaneceu. Quando o último machadeiro desistiu, gritou para ela:

- Sacudidora de palavras! Você pode descer agora! Não há ninguém capaz de derrotar essa árvore!

A sacudidora de palavras, que mal conseguia discernir as frases do homem, respondeu com um sussurro, entregando-o por entre os ramos.

- Não, obrigada - disse, pois sabia que só ela é que mantinha a árvore de pé.

NINGUÉM era capaz de dizer quanto tempo levou, mas, uma tarde, entrou na cidade um novo machadeiro. Sua sacola parecia pesada demais para ele. Seus olhos se arrastavam. Seus pés pendiam de exaustão.

- A árvore - perguntou ele ao povo -, onde fica a árvore?

Uma platéia o seguiu e, quando ele chegou, as nuvens tinham encoberto as regiões mais altas dos galhos. A sacudidora de palavras ouviu as pessoas gritarem que chegara um novo machadeiro, para pôr fim a sua vigília.

- Ela não descera para ninguém - diziam as pessoas. Não sabiam quem era o machadeiro, e não sabiam que ele não desanimava.

O rapaz abriu a sacola e tirou uma coisa muito menor que um machado.



As pessoas riram, dizendo:

- Você não pode derrubar uma árvore com um martelo velho!

O rapaz não lhes deu ouvidos. Apenas vasculhou sua sacola, à procura de pregos. Pôs três deles na boca e tentou martelar o quarto na árvore. Nessa época, os primeiros galhos já eram extremamente altos, e ele calculou que precisaria de quatro pregos, a fim de usá-los como apoios para os pés e chegar até lá.

- Olhem para esse idiota - rugiu um dos espectadores. - Ninguém mais conseguiu derrubá-la com um machado, e esse bobalhão acha que conseguirá com...

O homem calou-se.

O PRIMEIRO prego entrou na árvore e foi fixado com firmeza, após cinco marteladas. Depois entrou o segundo, e o rapaz começou a subir.

No quarto prego, aproximava-se da copa e continuou a subida. Sentiu-se tentado a chamar enquanto o fazia, mas resolveu que não.

A subida pareceu durar quilômetros. Ele levou muitas horas para atingir os últimos galhos e, ao fazê-lo, encontrou a sacudidora de árvores adormecida em suas cobertas e nas nuvens.

Observou-a durante vários minutos.

O calor do sol aquecia o teto alto de nuvens.

O rapaz estendeu a mão, tocou no braço da sacudidora de árvores, e a menina acordou.

Ela esfregou os olhos e, depois de um longo estudo do rosto do rapaz, perguntou:

- É você mesmo?

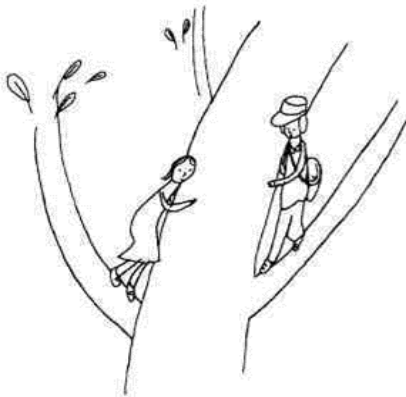
Será que foi do seu rosto, pensou, que tirei a semente?

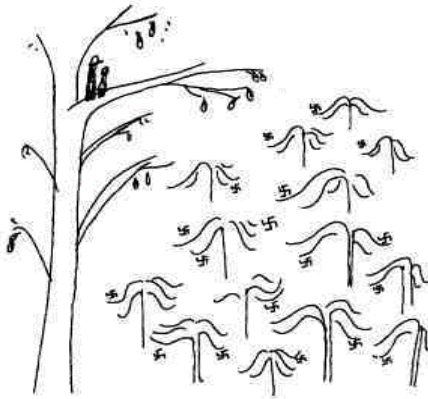
O homem acenou que sim.

Seu coração oscilou e ele se agarrou com mais força aos ramos.

- Sou.

JUNTOS, os dois ficaram no topo da árvore. Esperaram as nuvens desaparecer e, quando elas se foram, puderam ver o restante da floresta.





- Ela não queria parar de crescer - explicou a menina.

- Nem esta aqui também - disse o rapaz e olhou para o galho que segurava sua mão. Estava certo.

Depois de olharem e conversarem bastante os dois desceram. Deixaram para trás os cobertores e as sobras de comida.

As pessoas mal podiam acreditar no que viam e, no instante em que a sacudidora de palavras e o rapaz puseram os pés no mundo, a árvore finalmente começou a exibir as marcas das machadadas. Surgiram machucados. Abriram-se fendas no tronco e a terra começou a tremer.

- Ela vai cair! - gritou uma moça. - A árvore vai cair!

Tinha razão. A árvore da sacudidora de palavras, com todos os seus quilômetros e quilômetros de altura, começou lentamente a se inclinar. Soltou um gemido e foi sugada pelo chão. O mundo sacudiu e, quando enfim tudo se acalmou, a árvore ficou estendida em meio ao restante da floresta. Jamais conseguiria destruir toda ela, porém, que mais não fosse, uma trilha de cor diferente foi escavada em seu meio. A sacudidora de palavras e o rapaz subiram no tronco horizontal. Abriram caminho por entre os galhos e começaram a andar. Ao olharem para trás, notaram que a maioria dos espectadores tinha começado a voltar para seus lugares. Lá dentro. Lá fora. Na floresta.

Mas, ao seguirem andando, eles pararam várias vezes para escutar. Julgaram ouvir vozes e palavras às suas costas, na árvore da sacudidora de palavras.

